

MIRANDA DE ANDRADE

PÁGINAS INÉDITAS DUM ROMANCE
INCOMPLETO DE LUÍS DE MAGALHÃES

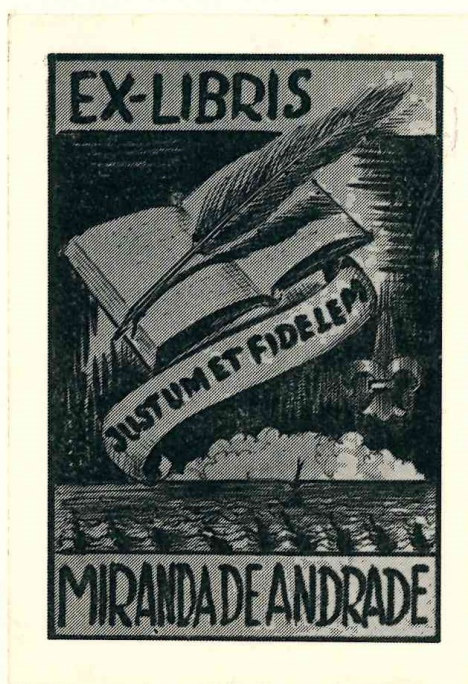


P O R T O
MCMLXXIII

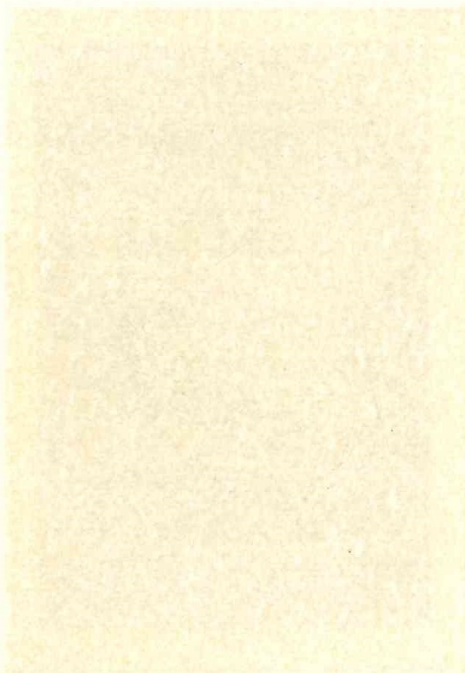


1.134.3-3Magalhã
ND

**PÁGINAS INÉDITAS DUM ROMANCE
INCOMPLETO DE LUÍS DE MAGALHÃES**

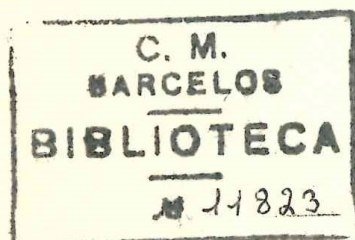


SEPARATA DO «BOLETIM CULTURAL»
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
VOL. XXXIV - FASC. 3-4



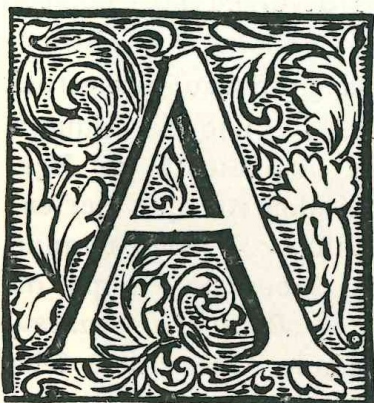
MIRANDA DE ANDRADE

PÁGINAS INÉDITAS DUM ROMANCE
INCOMPLETO DE LUÍS DE MAGALHÃES



P O R T O
MCMLXXIII

Barcelos Perm.



actividade literária de Luís de Magalhães manifestou-se principalmente no tríplice campo da poesia, da crítica e do jornalismo. Nada menos do que sete obras líricas se contam na sua bibliografia, desde os «*Primeiros Versos*» (1878-1880) até «*Anoitecer*», colectânea dos seus últimos sonetos, publicados recentemente, e nova demonstração do seu talento de excelente poeta parnasiano. No domínio da crítica, destacam-se, sobretudo, os volumes «*Notas e Impressões*» (1884-1888) e «*Campo-Santo*» — admirável conjunto de ensaios e artigos críticos sobre grandes figuras portuguesas do século passado e deste século, dado à estampa no ano findo e que tivemos a honra e o prazer de coordenar e prefaciar. No jornalismo, a actuação de Luís de Magalhães revestiu dois aspectos: o literário e o político, escrevendo numerosísimos artigos quer de apreciação a obras de romancistas, historiadores e poetas, quer de aplauso ou censura à vida política do País, na qual ele pessoalmente interviria. Prefácios de livros, conferências, discursos, ensaios políticos e históricos, tudo isso que ainda fez ou escreveu, denuncia, sem dúvida, um espírito decididamente voltado para a ela-

boração crítica e, servido por uma larga e actualizada cultura, para o ensaio.

São, portanto, duas as facetas mais salientes do temperamento literário de Luís de Magalhães: a do poeta e a do crítico. Já Eça de Queirós — que não pôde completamente apreciar o poeta, porque faleceu antes da publicação das duas melhores obras em verso do seu amigo: «*Cantos do Estio e do Outono*» (1908) e «*Frota de Sonhos*» (1924) — já Eça de Queirós, dizíamos, tinha, argutamente, surpreendido nele as duas essenciais tendências, em conversa amena que foi relatada por António Nobre e decorreu no gabinete do cônsul de Portugal em Paris: — o *Artista* e o *Crítico*.

Em contraste com a sua fecunda produção intelectual nos domínios que deixámos indicados, — e não se esqueça que Magalhães foi o crítico capaz e competente de Eça, Martins, Antero, Junqueiro, Ramalho e doutros que pertenceram à geração dos «Vencidos da Vida» —, contrastando com essa produção, é reduzido o seu labor no campo da ficção romanesca. A não ser o romance «*O Brasileiro Soares*», escrito aos vinte e quatro anos de idade (mas uma feliz tentativa literária, levada a efeito sob a inspiração do realismo de Queirós e Flaubert) e um conto, de notável estilo, inserto num dos números da *Revista de Portugal*, dirigida, como se sabe, por Eça de Queirós, e intitulado «*A Corista*», nada mais saiu da sua lavra como obra de ficção em prosa. É certo que nas primeiras páginas ou nas últimas dos livros que ia publicando, anunciou obras desse género: um volume de *Contos* e os romances e novelas *Maria*, *O Senhor Doutor*, *O Morgado de Sever*, *O Incesto*. Nenhuma delas, porém, foi dada à publicidade, nem mesmo se sabe se foram escritas, no todo ou em parte. Se foram, teriam então sido inutilizadas pelo autor, pois no seu espólio literário somente se encontra, quanto a trabalhos de índole romanesca, o manuscrito de um romance incompleto que ostenta o nome de «*O Problema da Vida*».



Luís de Magalhães em 1908

A leitura de um outro seu manuscrito inédito, uma espécie de livro de memórias ou diário, intitulado «Vida Nova», — escrito como «um simples *memorandum* para recapitular acontecimentos e circunstâncias que não queria esquecer», relativos à política nacional dos fins do século —, permite-nos saber que, nos princípios do ano de 1888, Magalhães architectava um outro romance, a seguir ao «*Brasileiro Soares*», porquanto no final do primeiro volume do mencionado diário escreveu com o seu punho estas palavras: «Espantoso! Não perder para o meu romance *A Conquista*». Mas também desta projectada obra nenhum rasto subsistiu.

*

*

*

Segundo um plano encontrado entre os papéis de Luís de Magalhães, «*O Problema da Vida*» deveria ser um longo romance de vinte capítulos, dos quais só chegou a escrever oito. A sua elaboração foi lenta e feita com dilatados interregnos, pois, iniciada em 1899, ainda dez anos mais tarde, em 1909, se dedicava o autor a escrever as últimas folhas do oitavo capítulo. Todavia, o manuscrito existente compreende um total de 320 folhas, altas e largas, o que leva a supor que seria seu intento realizar obra para mais do que um volume.

Embora totalmente concebido e planificado, conforme se depreende do mencionado projecto, houve, como afirmámos, longas paragens na redacção do romance, o que não significa inactividade de espírito, porque Luís de Magalhães logo a ele se lançou no ano seguinte ao da publicação do seu vasto poema «*D. Sebastião*» (1898), ao mesmo tempo que ia criando as formosas composições de «*Cantos do Estio e do Outono*» (1908) e escrevendo inúmeros artigos políticos e literários que saíam em vários jornais do País, sobretudo nos do Porto e de Lisboa. Acrescentem-se as

preocupações derivadas do exercício do cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1906, e os cuidados de uma lavoura em grande escala, exigidos pelos vastos terrenos da sua Quinta do Mosteiro, em Moreira da Maia, onde residia permanentemente.

Luís de Magalhães devia ter tido o objectivo de traçar, no seu romance, uma larga crónica do País, principalmente da Lisboa dos fins do século XIX: o seu meio social e político, sobretudo. Conhecedor dos meios coimbrão e rural, lá os poria também, iniciando-se mesmo a obra pela representação desses dois ambientes. A capital, porém, — e não só Coimbra e a Quinta de S. Tiago, no Minho —, seria o grande cenário dos sucessos do romance, da variedade de tipos e caracteres, da moralidade e imoralidade das situações, das ambições dos homens e das suas frustrações, dos problemas, enfim, da Vida... E um desses problemas, o grave problema do casamento, é predominante na obra, atravessa as suas páginas com frequência, é motivo de reflexão séria para a sua principal personagem, que, ora hesitante, ora decidida, trava com a sua consciência uma luta que chega a assumir as proporções de verdadeiro drama. Retardando sempre o enlace com a jovem que interesses familiares lhe indicam e quase exigem, acaba por aceder. Mas o desengano surge, passados quatro anos: não ama, afinal. Envelhece fisicamente e cai numa profunda apatia moral. A felicidade não foi mais do que uma ilusão para si e ela não pode buscar-se em enlaces conjugais predeterminados por conveniências ou desejo das famílias. De resto, não a encontrou também noutras uniões passageiras que teve no decurso da vida, e lhe deixaram a alma vazia e pessimista. E seria neste tom de pessimismo que terminaria o livro, se fosse concluído e se o seu autor tivesse executado integralmente todas as rubricas que deixou expressas nos sumários da vintena de capítulos que constituem o plano geral da obra.

*
* *

De mais saliente no que deixou escrito deve citar-se: a festa de formatura, em Direito, de Fernando Pais de Vasconcelos, principal personagem do romance, que reuniu, em sua casa, os condiscípulos e amigos, os quais travaram larga discussão, por noite fora, acerca dos problemas da existência e dos diferentes sistemas filosóficos (capítulo I); a viagem de Fernando, por via férrea, desde o Porto até Lisboa, e as impressões que, no seu espírito de ainda adolescente, lhe causaram a paisagem portuguesa e a capital do reino (capítulo II); a evocação da sua infância e da sua adolescência, passadas no solar de S. Tiago de Riba d'Ave, os seus estudos primários e os seus estudos secundários no Liceu de Braga, a sua instalação em Coimbra, no paço de Sub-Ripas (capítulo III); a análise da personalidade de Fernando, em face das dos seus companheiros, a sua vida em Coimbra (estudos, amores, paixão literária, leituras, produções do seu espírito, viagens) e uma bela evocação da trágica morte de Maria Teles (capítulo IV); a instalação de Fernando em Lisboa e o seu contacto com antigos companheiros de estudo (especialmente Virgílio, poeta, e Duarte de Aguilar, político), as suas viagens por vários países da Europa logo que terminou o seu curso, e uma curiosa descrição do Chiado, à tarde, com os seus elegantes, os seus políticos, os seus conselheiros (capítulo V); os amores de Fernando e Gabriela (baronesa de Casal do Rio); a visita ao «atelier» do escultor João Valério, criador da imagem de Santa Iria, a lenda ou lendas relativas a esta Santa, um passeio à Batalha e uma admirável descrição do seu mosteiro e da batalha de Aljubarrota (capítulo VI); a procissão de Santa Iria, padroeira de Santarém, a figura excepcional de Luísa (possível modelo da Santa), a notícia da doença de uma tia de Fernando, a partida deste para a Quinta de S. Tiago, a descrição da velha e nobre residência, encontro

com os presentes, incluindo sua prima Maria Inês, com quem projectam casá-lo (capítulo VII); a estadia de Fernando na Quinta enquanto não obtém melhoras sua tia Maria das Dores, as visitas a parentes dos arredores, a abades e lavradores mais abastados, o convívio frequente com Maria Inês para apreciação das suas qualidades e dos seus defeitos, visto ter subentendido um desejo latente e arreigado em sua família: o do seu casamento com essa sua prima (capítulo VIII).

Se o romance não tivesse parado neste capítulo e o seu autor pusesse em execução total o que tinha previamente estabelecido no plano que traçara e escrevera, abordaria nos capítulos seguintes, até final, estes assuntos capitais que constituiriam, com aqueles, a trama do enredo:

Uma crise erótica de Fernando, seguida de uma depressão moral; o movimento republicano e a acção de Rodrigo Telo (personagem que deve prefigurar a pessoa de Basílio Teles); o primeiro encontro de Fernando com a condessa de Wesser em casa dos Monte-Reais; os graves acontecimentos políticos de 1890, por virtude do ultimato inglês; as alterações sobrevindas no carácter de Fernando, que se tornou concentrado, melancólico, e as primeiras modificações nos seus juízos sobre a Vida; a sua paixão por Ana Wesser e a consciência de que se trata de um grande amor, um amor puro, uma paixão sem pecado; os sucessos políticos de 1891 e o movimento do 31 de Janeiro; um baile no palácio da duquesa de Sotto-Mayor; a visita de Ana a Fernando, que resiste à tentação de a possuir; a vida parlamentar do tempo e as intrigas da política; uma longa e demorada viagem de Fernando, ausentando-se do País durante quatro anos; encontros e conversas com os seus amigos após o regresso a Lisboa; o projecto matrimonial com Maria Inês de novo afastado; o fastio da vida de libertinagem ante o recrudescimento de uma oculta paixão mística; o regresso de África do Herói (designação esta que deve significar uma alusão a Mouzinho de Albuquerque); a actuação con-

denável de um ministro, os escândalos de certa sociedade comercial, a campanha de imprensa de Rodrigo Telo, homem dotado de «firmeza moral e fé política»; a ideia de Fernando se ingerir na política e romper numa intensa campanha de moralidade; as suas hesitações, o seu desalento e a continuação de uma depressão moral que o leva à misantropia; a sua ida à Quinta de S. Tiago, por nova doença, desta vez mais grave, de sua tia, que lhe fez, ao morrer, um último pedido: o de casar-se com Maria Inês, para quem Fernando era, desde a infância, o noivo sonhado e apetecido; hesitações e promessa formal; o que foi o casamento para Fernando: a princípio, uma ilusão de felicidade, mas, quatro anos depois, a verificação de um desengano; o seu envelhecimento e indiferença moral: — um coração morto!

*

*

*

A quadra epocal que Luís de Magalhães fixou para o seu romance foi, como dissemos, a dos anos finais do século XIX, ou, segundo um apontamento seu, a das duas últimas décadas do século (de 1883 a 1901, mais precisamente). É a quadra da «belle époque», a quadra predominantemente realista ou positivista, a quadra dos triunfos da Ciência, da variada cultura, das viagens, do amor do luxo, de uma relativa paz social, do prazer e da alegria de viver... Movendo-se à vontade em tal ambiente, Fernando Pais de Vasconcelos é uma espécie de Fradique Mendes, uma concretização do célebre *tipo* criado por Eça de Queirós, um ser que se considerava a «síntese dos da sua roda», diletante e culto, rico e aristocrata, apreciando a capitolosa flor do amor, nunca menosprezando a doce flor da amizade, mas céptico em relação aos políticos e a certos homens. Ao atentar-se nesta primeira figura do romance, nos seus gestos, nas suas ideias e nos seus sentimentos, logo avulta

a nossos olhos a pessoa do autor, que talvez assim se visse ou gostasse de se ver.

Outras destacadas personagens poderão, verosimilmente, identificar-se: o político Duarte de Aguiar será Carlos Lobo de Ávila, e o engenheiro João Carlos será Dinis da Mota, ambos companheiros, em Coimbra, do autor. João Valério deve ser o escultor Teixeira Lopes, aquele que, no romance, primorosamente esculpiu uma Santa Iria, que, na realidade, é Santa Isabel, a bela imagem da igreja coimbrã do convento de Santa Clara.

Ainda a outras entidades, que surgem nas páginas da obra inacabada, não nos foi difícil propor-lhes os autênticos nomes: aquela individualidade, de nome Vicente da Cunha, encontrada por Fernando e pelos seus amigos em pleno Chiado, em certa tarde, é, sem dúvida, Alexandre Herculano; a referência ao Dr. Costa Martins, médico, sugere-nos a pessoa do Dr. Sousa Martins, e o poeta Gonzaga Ribeiro afigura-se-nos ser, muito plausivelmente, o lírico Gonçalves Crespo.

Quanto ao elenco feminino, não será possível fazer-se qualquer identificação. Parece-nos, porém, que no espírito de Luís de Magalhães estariam presentes, ao delinear certos tipos de mulher, alguns que nos são bem conhecidos: a simpática tia Maria das Dores é uma verdadeira tia Doroteia, criação de Júlio Dinis; Luisinha, a doce e bela Luisinha, é uma reencarnação garrettiana da Joanhinha do Vale de Santarém; Maria Inês é, apesar do desencanto de Fernando, da estirpe doutra Joanhinha, a de Flor da Malva, que discretamente perfuma «*A Cidade e as Serras*».

*

*

*

Luís de Magalhães é um dos mais elegantes e correctos prosadores portugueses. Mais uma vez o demonstrou nas trezentas e tantas folhas deste manuscrito, que enegreceu

com a tinta da sua pena de oiro, já tão fina e doirada nos seus tempos de académico que os contemporâneos universitários lhe ofereceram uma caneta feita do mesmo valioso metal, na noite da festa de despedida do seu curso de Direito, em que se representou uma peça da sua autoria — «O casamento do Doutor Fausto».

Brilhante e perfeito são os qualificativos que nos acodem à memória quando queremos, consciente e criticamente, definir ou caracterizar o estilo deste Escritor, que, na verdade, sempre se revelou possuidor de um brilho de linguagem, de uma harmonia na construção da frase, de uma nitidez de expressão que o colocam, em lugar superior, entre os melhores cultores da forma verbal, isto é, entre os melhores estilistas do Realismo e do Parnasianismo, que foram as expressões literárias do seu tempo.

Senhor de uma larga cultura literária, histórica e filosófica, a sua linguagem é a do homem culto, mas sem arrevezamentos nem impenetráveis hermetismos. Pelo contrário: consegue imprimir uma tal precisão e clareza à tradução escrita de pensamentos e sentimentos que o revestimento formal não pode ser mais transparente ou cristalino. E tudo sem esforço nem angústias de expressão. Com tais dotes linguísticos, em que também são evidentes a facilidade e a naturalidade, pôde Luís de Magalhães usar no seu romance «*O Brasileiro Soares*» e nas páginas de «*O Problema da Vida*» um estilo adequado ao género romanesco, em que são permitidas, e até necessárias, todas as linguagens, desde a mais chã e simples até à mais nobre e elevada.

Entendemos que algumas folhas do manuscrito inédito — no qual o autor chegou a fazer correcções, tendo ficado ainda, no entanto, muito por mondar e limar — deviam ser dadas à publicidade, e, com a amável autorização da ilustre Família Magalhães, adiante as inserimos. Seleccionámos as que nos pareceram mais interessantes ou mais belas pelo tema e pelo brilho literário, apresentando-as sob títulos escolhidos por nós: *Morte de Maria Teles*, esplêndida evo-

cação do assassinio da irmã de Leonor Teles, inspirada nas páginas vivas e dramáticas da «*Crónica de D. Fernando*», de Fernão Lopes; *O Chiado, à tarde, nos fins do século passado*, um quadro, surpreendente de verdade e pitoresco citadino, da mais célebre artéria de Lisboa, onde se vêem, juntas, a elegância, a política e a frivolidade da vida mundana; *No «atelier» do escultor*, uma emocionante nota de Arte num «atelier» da Capital e uma nota de ternura e fino sentimento entre pessoas que se estimam e admiram; *Uma visita ao Mosteiro da Batalha*, das mais formosas páginas saídas da pena de Luís de Magalhães que, nelas, se afirma culto e consciente esteta e um português dotado de vivíssima sensibilidade patriótica, vibrando com toda a sua alma perante o alto significado da jornada de Aljubarrota; *A procissão de Santa Iria*, magnífico quadro descritivo de uma procissão portuguesa, supostamente realizada no impressionante cenário de Santarém e das suas Portas do Sol, para apresentação em público, pela primeira vez, da imagem sagrada que, num golpe de inspiração, brotou das mãos hábeis de um escultor de raro talento.

São apenas cinco textos, curtos, mas suficientes para demonstrarem ao leitor, mais uma vez, a altura do prosador cintilante que foi Luís de Magalhães e as suas possibilidades iniludíveis de romancista, que pena foi não se ter realizado tão completamente no romance como se realizou na poesia, na crítica e no jornalismo.

MORTE DE MARIA TELES

Essa paixão pelo velho edifício e pela sua história chegou de uma vez a determinar nele uma verdadeira alucinação evocativa, em que *assistiu* ao assassinio de Maria Teles, que uma lenda popular, já então contestada pelas investigações dos arqueólogos, insistia em supor consumado ali.

Era noite — quase madrugada. Estava só no seu gabinete de trabalho, os cotovelos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos, todo absorvido na leitura da Crónica de Fernão Lopes. Acabara o capítulo em que essa tragédia é tão viva e emocionantemente narrada, e ficara-se na mesma posição, com o olhar fixo, hipnótico, como quem de súbito vê rasgarem-se diante de si as perspectivas misteriosas dum mundo de coisas passadas e mortas. E todos os episódios desse drama sangrento se desenvolveram sucessivamente à sua vista.

Sentiu o tropear da cavalgada do Infante através dos olivais, pela noite sem lua, num silêncio sinistro de conspiração; viu-os parar perto do mosteiro de Sant'Ana, à entrada da velha ponte de pedra, buscando ocultarem-se na escuridão cerrada que ali fazia uma larga e espessa sombra de gigantescos freixos; ouviu, cortado a miúdo pelo resfôlego dos cavalos cansados e o remorder dos freios, o rumor abafado das vozes concertando o traiçoeiro plano; sobre as lajes da ponte, sentiu bater de novo as ferraduras e enxergou a fila dos cavaleiros, envoltos nos mantos, seguindo para a cidade, em cuja massa escura apenas uma ou outra luz bruxuleava. Depois viu-os parar de novo, junto à Couraça; e aí, após outro curto conciliábulo, meterem para S. Bartolomeu, onde tomaram pela estreita e íngreme rua, que, contornando as muralhas, subia para o caminho de Sobre-a-Riba da cidade. Já a luz de alva espalhava a sua vaga claridade cinzenta sobre a casaria do burgo ainda adorme-

cido, e ele divisava à frente, com estranha nitidez, o vulto de D. João, o capelo puxado sobre os olhos, os borzeguins pontiagudos argolados nas estribeiras douradas, a ponta da capa cobrindo as ancas do seu reforçado rosilho, que arrancava, ofegante e com esforço, pela ladeira acima. A madrugada vinha álgida e lívida. Os galos cantavam. Um cão uivava sinistramente, a distância. Ao alto, numa volta, estavam. Eram chegados. D. João apeou-se, lesto, e deu as bridas a Garcia Afonso, que vinha a seu lado.

Na congosta estreita, a alta muralha projectava uma maior escuridade. Coseram-se com ela e foram postar-se, quedos e silenciosos, junto à porta ogival da torre. Esperaram. Pouco depois, alguém, de dentro, destrancava as portadas, que se abriram, rangendo nos gonzos. Uma mulher, que saía, alta manhã, para ir lavar ao rio, assomou sob o arco da entrada com uma trouxa de roupa à cabeça. Parou, surpresa, ao dar de cara com aquele grupo de gente armada. Mas eles, empurrando-a, entraram de roldão, e subindo uns quatro degraus de pedra, entraram numa sala baixa, abobadada, onde outras mulheres, que dormiam, se ergueram esguedelhadas, semivestidas, no atordoamento desse inesperado assalto. O Infante perguntou, então, por D. Maria. A tremer, mostraram-lhe a passagem que levava à torre, onde ficava a sua câmara. As portas eram grossas e robustas. Mas, armados de puas e de pedras, os companheiros do Infante romperam, em poucos minutos, os ferrolhos e fizeram voar em lascas coiceiras e almofadas.

D. Maria Teles dormia num largo e alto leito de colunas, coberto por um baldaquino de panos de ouro. O estrondo das pancadas, que abalavam a porta e ressoavam cavamente por toda a casa, acordou-a em sobressalto. E logo percebeu o que era. Não mentiam os avisos que recebera. As suas camareiras, também surpreendidas e estremunhadas, refugiaram-se sob o leito, lívidas de pavor; e ela saltou da cama, os ombros nus, os braços nus, as pernas nuas, os pés descalços, o cabelo ardente, dum fulgor de cobre, solto

pelas espáduas, as mãos cruzadas sobre os seios, o olhar esgazeado, os dentes batendo, como num acesso de tercãs. Sentia as pancadas redobram de força, as grossas pranchas de carvalho rangerem e estalarem. Perplexa, deu uma volta à câmara, como para fugir; mas não tinha outra saída que não fosse a que lhe tomavam. Então, percebendo que já subiam e vendo-se quase nua, tirou de sobre o leito a cobricama branca, de linho bordado, e envolveu-se nela, acostando-se à parede numa atitude de terror louco. E, enquanto fixava um tríptico com cenas da Paixão, que se desdobrava no muro fronteiro, os seus lábios trémulos e cor de cera murmuravam, angustiados, confusas orações.

Mas os passos aproximavam-se. Já soavam, apressados, nas escadas e na antecâmara. A grossa tapeçaria que velava a porta, ondulou, abriu-se. E o Infante, ofegando ainda, os olhos frios e duros, uma contracção nas commissuras dos lábios, o cabelo loiro empastado pelo suor sobre a testa, appareceu à entrada do quarto, com a cota a brilhar sobre o pelote entreaberto, e, à cinta, o rico bulhão de punho lavrado, que, dias antes, lhe dera o próprio irmão dela, o conde de Barcelos.

— Senhor, — exclamou D. Maria, pondo as mãos — que vinda é esta tão desordenada?!

D. João avançou lentamente, com um brilho metálico no olhar cruel.

— Boa Dona, — disse — agora o sabereis.

E, rudemente, na presença dos que o acompanhavam e das aias e servas que acorreram, insultou-a, desfeiteou-a, acusou-a de falsamente se dizer sua mulher, lançou-lhe em rosto pretendidas infidelidades, chamou-lhe os nomes mais infamantes e aviltadores.

Ela, em lágrimas, protestava a sua inocência, pedia-lhe que a ouvisse, que a escutasse a sós, envolvia-o todo em palavras e juras de amor.

Mas D. João, implacável, todo dominado pelo sonho de ambição que a Rainha, numa astuciosa intriga política

e no seu velho ódio à irmã, lhe insuflara na alma violenta e dura, não a atendia; e, num gesto brusco, deitando-lhe a mão, respondeu-lhe com crueza:

— Não vim eu aqui para estar convosco em palavras...

A pobre tentou fugir-lhe, desvairada de medo. Mas a ponta da colcha ficara na mão do Infante que a puxou violentamente. Com este movimento, lançou-a ao chão, descomposta, nua, como uma estátua de mármore que um iconoclasta derribasse do seu pedestal.

Ele, então, à lívida claridade da madrugada, que já entrava pela janela da câmara, olhou aquele seio opulento, os braços redondos, a cinta fina, os fortes quadris, as pernas longas e fuseladas, todos os tesouros desse corpo, que o fascinara e o entontecera de voluptuosidade — e, um momento, parou, hesitou, como tremendo destruir tanta beleza e tanta perfeição. Mas, novamente, a promessa pérfida de Leonor Teles — a mão da Infanta D. Beatriz, a coroa, o poder — desvairara-o. Uma cintila de ferocidade passou no seu olhar, a maxila inferior distendeu-se, os dentes cerraram-se, e, sacando do bulhão e curvando-se sobre ela, enterrou-lhe a lâmina no seio esquerdo, num golpe profundo.

— Mãe de Deus, havei mercê desta minha alma! — bradou a desgraçada.

Já, porém, o bulhão, arrancado do peito, lampejava no ar e se abatia de novo, mais abaixo, entre as virilhas.

— Jesus, filho da Virgem, acorre-me! — gritou ela, estorcendo-se, as mãos em súplica, numa medonha angústia.

Golfando, abundante, das feridas, o sangue cobriu-lhe o peito, o ventre, as pernas, envolvendo-a como num sudário de púrpura. Todo o seu lindo corpo vibrou numa última convulsão. Um frouxo suspiro evolou-se-lhe do seio, que cessou de arquejar, e ela ficou inerte, estendida no sobrado, com a sua formosa cabeça, tão fina e tão branca que parecia de marfim, aureolada pelo resplendor flamejante dos cabelos desgrenhados e revoltos.

Numa desnorteada confusão, gritaria, chorando, soluçando, a gente de casa corria às janelas a pedir socorro ou cercava o cadáver, debulhada em lágrimas. Rapidamente, o Infante e os seus desceram as escadas, transpuseram o portão, cavalgaram de novo e encaminharam-se para a ponte. Quando a atravessavam, sentiram que o alarme despertara a cidade. Ouviam-se distintamente gritos, apelos, um tinir de armas na atalaia da Couraça, e já uma campana tocava a rebate para os lados da Sé. Uns rústicos, que vinham para a cidade, pararam a meia ponte, receosos e inquietos com aquele reboliço. Então, esporeando os cavalos, meteram a galope e sumiram-se ao longe, tomando por um córrego pedregoso que enormes e carcomidos zambujeiros assombreavam.

Foi a luz do dia que lhe interrompeu esta visão. Despertou dela como quem desperta de um sonho. Por instantes, não percebeu bem o que fosse verdadeiramente real: se esse bárbaro episódio histórico a que acabava de assistir em pessoa, que *vira* com os próprios olhos em todas as suas cenas e os seus detalhes, se o facto casual de se encontrar ali, no presumido sítio onde, havia quinhentos anos, o drama se representara, a lê-lo nas páginas evocadoras duma velha e sugestiva crónica.

(Capítulo IV — folhas 138 a 146)

O CHIADO, À TARDE, NOS FINS DO SÉCULO PASSADO

A tarde estava linda, serena, cheia de luz, amornada por um claro sol de Abril, toda embebida em eflúvios, em carícias, em amaráveis doçuras primaveris.

Os três rapazes, radiantes de juventude e alegria, conversando, rindo, seguiram até ao Calhariz, atravessaram indolentemente, com repetidas paragens, o largo de Camões e, como pelo instinto duma direcção habitual, cortaram para a esquina da Havaneza, a cujas portas grupos de *habitués* se encostavam na inércia do lazaronismo elegante ou gesticulavam na animação das conversas.

Instintivamente também, paravam um momento no passeio. A Virgílio, que só duas vezes viera a Lisboa, demorando-se pouco, o movimento do Chiado, àquela hora mundana e elegante, fascinava-o e deslumbrava-o. As montras dos grandes estabelecimentos deixando ver, atrás das enormes placas de cristal, os veludos sumptuosos, as sedas multicores, as finas alvuras das roupas brancas, as rendas, os bordados, a joalharia, os móveis artísticos; o rodar dos trens, numa promiscuidade de equipagens de luxo com as tipoias dos batedores célebres; os grupos dos cavaleiros, em que os uniformes militares faziam uma mescla viva, passando a trote ou fazendo caracolar os cavalos peninsulares; as mulheres que passavam em *toilettes* claras de primavera, numa perturbante ondulação de movimentos, deixando atrás de si um rasto de perfumes estonteantes, — tudo isso representava para ele uma visão de supremas elegâncias, o quadro de uma alta vida de luxo, que o seduzia e o enchia de uma silenciosa admiração.

E Fernando e Duarte, que ele via tão à-vontade nesse meio brilhante, saudando familiarmente as personagens em vista, cumprimentando, com requintada gentileza, as lindas mulheres que trotinavam nos passeios ou se recostavam nas carruagens, pareceram-lhe, como nunca, dois seres superiores, dois invejáveis representantes do mais elevado clã social.

E de se ver assim na sua intimidade, ali, entre tanta gente que os festejava e cortejava, sentiu, entre a sua timidez e o seu acanhamento de provinciano, uma grande satisfação de amor próprio, um intenso gozo de vaidade lisonjeada.

Os seus amigos haviam-no apresentado a dois jornalistas, o Carlos Pereira, secretário da redacção do *Diário de Lisboa*, e o Xavier de Moura, crítico teatral da *Manhã*; ao Doutor Costa Martins, um dos mais afamados clínicos de Lisboa, homem de imenso espírito e de uma larga cultura literária; ao Luís Maciel, um boémio singular, artista e erudito, cheio de fantasia e de graça, gastrónomo e bebedor invencível; ao Gonzaga Ribeiro, um fino poeta, que Virgílio muito admirava pela extraordinária e impecável correcção da sua forma e pela graça, às vezes preciosa, mas sempre distinta, do seu lirismo; e a mais dois ou três rapazes amigos que os abordaram e, um momento, pararam conversando.

Virgílio notou que a sua juba fulgurante, a sua linda face de pagem, a sua *toilette* de boémio de Murger, o seu feltro tirolês, o punham em curiosa evidência. E o seu desvanecimento chegou ao cúmulo quando ouviu, a meia voz, nas suas costas: «Quem é este rapaz de cabeleira, tão bonito e tão pretensioso?... — É um poeta do Porto, um Virgílio Mendes, amigo de Fernando Pais. Dizem que tem talento».

Mas, nos diferentes grupos, houve um movimento de alteração geral. Um *coupé* subia ao meio trote duma grande parelha ruça, seguido por um correio do ministério, que choutava num velho cavalo branco. Quase todas as cabeças se descobriram. E Virgílio viu, ao fundo da carruagem, uma figura hirta, ensobrecasacada de negro, uma cara mole, de olhos semicerrados, com um farto bigode e uma longa pera grisalha. Fernando cumprimentou também com deferente reverência, Duarte com familiaridade. De dentro, uma mão, enluvada de cinzento, ergueu o chapéu alto, e depois acenou afavelmente, enquanto a face esverdeada esboçava um sorriso. E Virgílio reconheceu nesse homem poderoso, que passava entre chapeladas respeitosas, o tio de Duarte, o conselheiro

José Joaquim de Noronha Garcia de Aguiar, presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, que, decerto, voltava da sua Secretaria.

— Teu tio, hein? — perguntou.

— O próprio... — confirmou Duarte.

— Pois, menino, um tio assim é que me estava a calhar. Ah!, se ele me nomeasse seu sobrinho honorário...

— É fácil. Filia-te. Pode bem dizer-se que todos os seus correligionários são seus sobrinhos. Quem dá é tio... — concluiu Duarte com malícia.

Mas dois deputados da maioria chamaram-no à parte para lhe falarem num negócio urgente. Duarte distanciou-se com eles para a esquina da rua da Trindade. E, entretanto, Fernando e Virgílio, que ficaram encostados à ombreira da porta, ouviram a seu lado uma discussão acalorada.

— Pois, meu caro amigo, tenha a certeza de que a recomposição é negócio assente — dizia um sujeito gordo, de óculos de oiro, e bigode pintado, juiz da Relação.

— Não pode ser! Não creio! É um absurdo! — protestava outro, um magrizona amarelento e atrabiliário, deputado oposicionista.

— Ora verá. O Aguiar tem a absoluta confiança da Coroa, uma maioria firme e disciplinada nos deputados e os melhores elementos nos pares. Depois, todos o sabem, o Rei não vai lá muito feito com vocês... E a culpa é vossa. Onde se viu um partido monárquico fazer uma oposição assim?...

— Nós fazemos a oposição que as nossas tradições nos impõem. Somos um partido constitucional. Não toleramos favoritismos palacianos. Por isso lhe digo: se esse escândalo da recomposição se chega a consumir, tenha você a certeza, meu caro conselheiro, que se levantam aí as pedras das calçadas...

— Não se levanta coisa nenhuma, fique descansado. O Aguiar conhece-vos bem a vocês — interveio outro conservador façanhudo. — Tenham paciência, hão-de engolir mais

esta recomposição. O Tavares cria muitas dificuldades ao Governo com as suas intransigências e a sua falta de maleabilidade política. O Melo e Castro está deslocado na Marinha, onde só por muita dedicação ao Aguilar se resignou a ficar. A situação está, por isso, fraca...

— Pois, se está fraca, — rugiu o terrível deputado — o que é lógico e constitucional é que caia.

— Perdão! — tornou o juiz — o que é lógico é que se robusteça. Não há nenhuma indicação constitucional para a sua substituição. O país está sossegado e próspero; a riqueza pública cresce; o nosso crédito lá fora é o que o último empréstimo demonstrou; as inscrições estão a 52. Que quer você mais? E hã-de afastar-se do poder o homem a quem se deve tudo isto, o homem que, há sete anos, assim governa o país com um tino que até no estrangeiro se admira?!...

— A prosperidade do país! — exclamou o outro, ironicamente. — Isso faz rir, meu amigo. Que prosperidade! A agricultura decadente, o comércio paralisado, as colónias abandonadas... O que há é uma riqueza fictícia, mantida artificialmente pelas importações de ouro. Mais nada. O país está farto de vocês, está farto do autoritarismo insolente do vosso tambor-mor e de todos os escândalos com que ele tem rebaixado a política: as tranquiabérrimas das linhas do Alentejo, as roubalheiras da Prisão Central, os fornecimentos do Arsenal de Marinha, as obscuras negociatas dos Bancos emissores, toda essa lama de vergonhas em que vocês nos têm atascado... E há-de vir agora uma recomposição. Porquê? Para quê? Com que direito? Sob que indicação constitucional? Não pode ser, repito. Não creio. É um absurdo.

Os outros sorriram complacentemente da catilinária. E, com ar bonacheirão, o magistrado continuou:

— Pois será absurdo. Mas o que lhe digo é que, ali onde o viu há pouco, o nosso homem pode dizer que traz no bolso a recomposição. E se não para o quê, apostemos!

— Pois apostemos! — concordou o deputado.

— Um jantar no Bragança... — propôs o outro conservador.

— Não, um jantar não — contradisse o liberal, já sorridente. — Vocês comiam-me ganhando ou perdendo. Eu sou um dispéptico. Não sou homem para comezainas. Antes uma caixa de bons charutos...

— Serve! — aprovou o juiz. — Charutos de cinco tostões...

— Sim, senhor, charutos de cinco tostões.

— Está apostado!

— Está apostado!

Fernando tocou com o cotovelo no braço de Virgílio.

— Ouviste? — disse-lhe. — Aí tens o que é a nossa política. Uma espécie de *sport*, um *steeple chase* de egoísmos, de vaidades e de ambições, em que até há apostas! E é para isto que o nosso querido Duarte me quer arrastar...

— Pavoroso, menino! — respondeu o poeta. — Espero bem que, como o casto José do Egipto, deixarás a sobre-casaca nas mãos dessa refinadíssima porca...

Duarte, que se desembaraçara dos deputados, veio ter com os amigos.

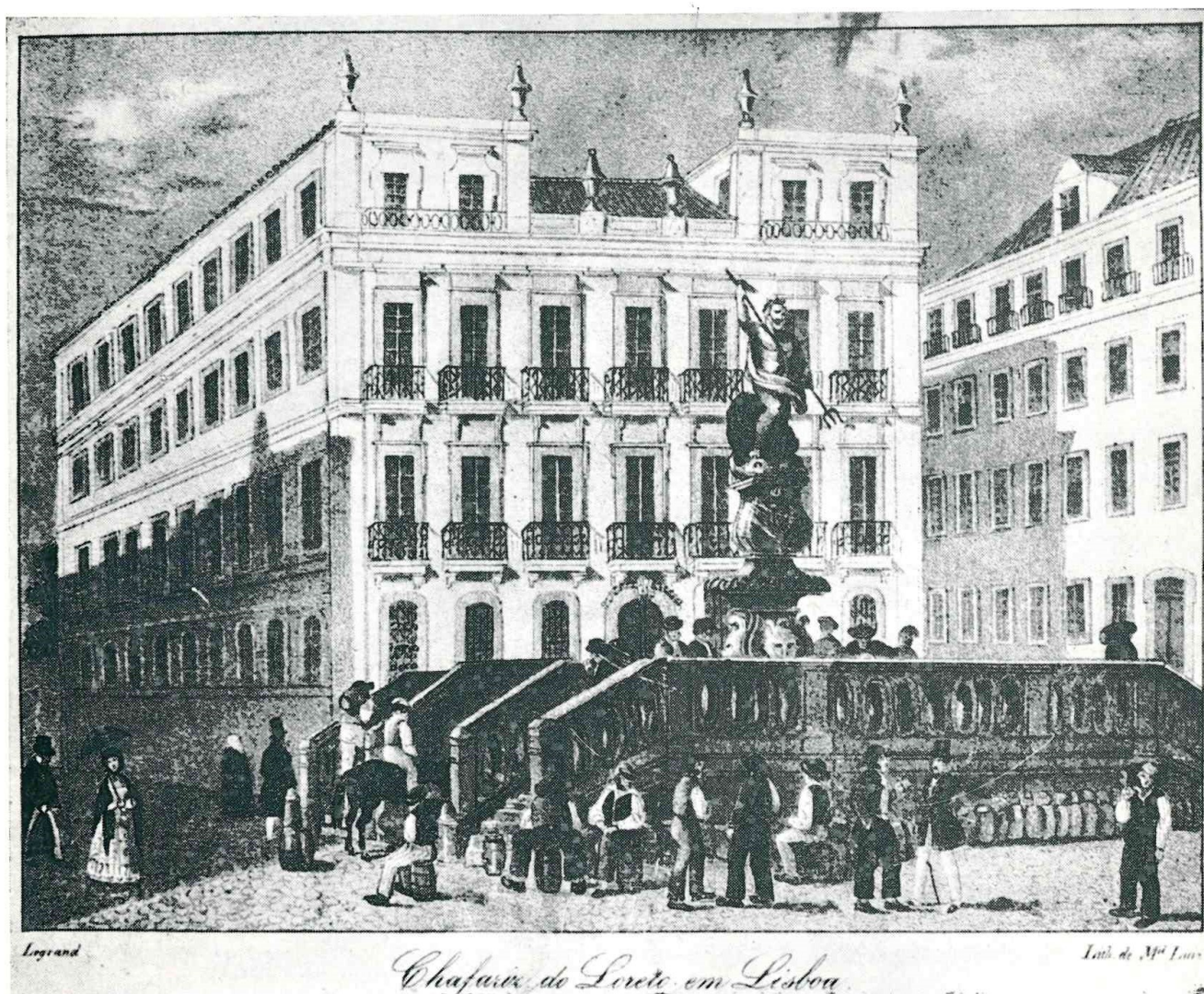
— Giremos! — exclamou Fernando. — Já estou saturado de Havaneza. Vamos ver se encontramos alguns dos nossos...

E, enlaçando o braço no de Virgílio, desceram o Chiado.

Caía a tarde. Um jorro oblíquo de luz espadanava do poente, espumando oiro. A rua fulgurava numa projecção ofuscante. O movimento recrudescia. Os trens cruzavam-se ao trote ligeiro das parelhas. A multidão acotovelava-se nos passeios, subindo, descendo, parando em frente das vitrinas, trocando cumprimentos, saudações, olhares, sorrisos. Entre os que seguiam apressadamente na agitação febril duma vida trabalhosa, — pequenos empregados, homens de negócio, operários, moços de recados —, deambulavam molemente os ociosos, os janotas, os altos funcionários, que vinham das suas repartições, senhoras, crianças, espanholas caiadas e pintadas, num ostentoso e vaidoso exhibicionismo. Pesadas carroças rolavam tiradas por cavalos ou fortes muares, em

Adorava Sub Ripas. Estudava. Um, pedra
 a pedra, os diversos corpos de edificio — a
 torre, ao norte, com as suas janelas ogivales,
 as duas construcções asymétricas que a su-
 dividem, o arco e paradiço que as liga, o pe-
 queno pátio de entrada, a escada exterior, a
 galeria aberta em columnada, o portal manue-
 lino, as janelas, ~~de~~ antepastos lavrados com
 emblemas, as cruzes de Christo e os mede-
 lhões com bustos, em baixo relevo, de guerre-
 ros e de donas, incrustados nos paños dos
 muros — toda essa estranha fusão de gothico
 e renascença que tão bem corresponde a
 suas predilecções architectónicas. Explorava to-
 da a recanilha, ainda a mais obscura, exa-
 minava — e em minimos detalhes, buscando,
 entre as opposições e alterações de alguns
 seculos, reconstituía as phases diversas por
 que esse gracioso e minuscido palacinho
 havia passado — desde quando nas eoa, tel-
 hey, mais do que um pequeno ~~edifício~~ alca-
 zar erguido sobre a antiga habitação de alde-
 de, junto a torre do prior do Ameal, até ^{que} ~~o~~
 no principio do seculo XVI, ~~quando~~ o licenciado João
 Vaz o reconstruiu e ampliou, unindo pelo
 arco ao corpo do nascente, também por esse edi-
 ficado sobre ~~um~~ uns pardiços, que de fronte e
 já extra-muros possuía.

Essa paixão pelo velho edificio e pela sua his-
 tória chegou de uma vez a determinar n'elle uma



Chafariz do Loreto em Lisboa, Largo do Chiado.
Palácio Ferreira Pinto, sede da Comp.^a de Seguros «A Mundial».

Litografia de Legrand, séc. XIX

cujos arreios as profusas guarnições e os chapeados de metal amarelo rebrilhavam como oiro. Uma ordenança passou a galope, com o sabre a bater-lhe na coxa, o capacete a fulgir, levando um ofício passado atrás da correia de cânhamo. O ar enchia-se de um alegre ruído. E das janelas dos altos prédios, de frontarias monótonas e mal caiadas, olhares curiosos ou enfadados de gente sedentária desciam sobre esse burburinho, sobre esse movimento periódico de maré humana, fluindo e refluindo quase ritmicamente ao longo da velha rua. Mas pouco abaixo, à porta do *Jockey Club*, Fernando descobriu Luís de Sá que conversava com um oficial de marinha. Os três aproximaram-se cautelosamente. Fernando tocou-lhe no ombro. Luís de Sá voltou-se, e o seu espanto foi enorme ao dar de cara com Virgílio, ainda pelo braço do amigo.

— O quê?! O Virgílio aqui. Mas isto é um sonho...
— exclamou Luís de Sá, mal refeito da surpresa.

E apesar da sua fleuma, acolheu afectuosamente o poeta. Repetiram-se os abraços. E logo ali Fernando combinou uma ceia para essa noite, num gabinete do Silva. Procurar-se-iam os velhos companheiros que estavam em Lisboa: seria um eco das alegres patuscadas de Sub-Ripas. Luís de Sá aprovou, apesar de ter de partir nessa madrugada para o Carregado, onde, no dia seguinte, havia uma grande farra em casa dum famoso ganadero, o Máximo Galvão, da Azinhaga. Duarte prometeu não faltar. E, como se lembrasse de que ainda tinha de escrever, por ordem do tio, uma carta importante e urgente ao governador civil de Coimbra, despediu-se dos amigos, voltando a subir o Chiado.

(Capítulo V — folhas 189 a 198)

NO «ATELIER» DO ESCULTOR

Pouco depois, o fáeton parava na tranquila rua do Prior, em frente duma pequena porta verde, aberta num muro de jardim. Apearam-se. Fernando puxou a argola de ferro duma campainha, que tilintou dentro. Uma criadita veio abrir. Ele entrou, brincando familiarmente com a pequena. Os outros seguiram-no. Estavam num estreito quintal, cortado por uma latada de moscatel, que lhe toldava a rua do meio. De cada lado, os canteiros de alfazema pareciam cestos transbordantes de verdura e flores. Martírios, heliotrópios, roseiras vestiam as paredes. Uma linha de craveiros em vasos vermelhos corria ao longo do murozito baixo que separava o pequeno jardim de um minúsculo pátio interior. Aí, Fernando empurrou uma porta envidraçada e chamou alto para dentro. Instantes depois, a risonha figura loira duma rapariga, singelamente vestida de chita clara, apareceu ao fundo do corredor. Era Luisinha, a irmã de João Valério. Ao reconhecer os visitantes, veio ter com eles, apressada e acolhedora, num movimento de franca amizade.

— Queira entrar, sr. Fernando Pais. O João está no «atelier». Viva, sr. João Carlos! — continuou, voltando-se para o engenheiro. — Por cá?... Que surpresa!

João Carlos estendeu-lhe a sua forte mão trigueira, na qual a dela, branca e pequenina, quase se sumiu. E os dois sorriram-se, como velhos amigos, na alegria de se reverem. Depois, apresentado Virgílio, seguiram Luisinha, cujo vulto miúdo e grácil se movia com a ligeireza alada duma pequena ave dos campos. E ao fundo do corredor, abrindo outra porta envidraçada, ela introduziu-os no «atelier».

Instalada numa ampla construção, que fora primitivamente uma oficina de serralheiro, e que o artista transformara, adaptando-a ao seu novo destino, o «atelier» de João Valério, vasto, com grande pé direito, bem iluminado, um tanto frio na brancura das paredes caiadas, onde alguns quadros, desenhos, aguarelas, modelos, decalques de relevos

se agrupavam, parecia habitado por estranhos fantasmas imóveis, tanta era a profusão de mármore, de gessos, de «maquettes» de barro ainda envolvidas em panos alvacentos. Dentre essa multidão espectral, o estatuário surgiu, sentindo os amigos, mais alto e esguio ainda na sua longa blusa, um doce sorriso na face grave e melancólica, uma irradiação de bondade nos olhos claros, cheios de sonho.

Vendo João Carlos, avançou para ele, e os dois amigos estreitaram-se ternamente. Eram patrícios, companheiros da adolescência. Quando João Carlos veio do Algarve para Coimbra, João Valério ficara em Lisboa, cursando a Academia de Belas-Artes. Filho dum mestre de obras, criado entre o ruído das picaretas e dos ponteiros sobre a superfície das cantarias, a pedra foi para ele, desde pequeno, como que um destino fatal, uma tentação constante, uma convivência estimuladora dos seus obscuros instintos artísticos. Já aos dez anos o seu maior prazer era ver os canteiros lavrarem um ornato, fazerem surgir da pedra uma folha de acanto, a voluta banal dum remate qualquer. E, sempre que o deixassem, as suas pequenas mãos, tomando os ferros, erravam sobre a pedra, desbastando, lavrando, esboçando formas. O pai, que sonhara dar-lhe uma carreira literária, meteu-o no liceu de Faro, onde ele conheceu João Carlos. Mas, pelos dezasseis anos, a vocação impôs-se imperiosamente. A família teve de ceder. João Valério veio para Lisboa, onde se matriculou na Academia. Três anos depois, num concurso brilhante, obtinha uma pensão do Estado para estudar em Paris. E aos vinte e cinco anos, voltava de França, aureolado pela glória nascente, já recebido em dois *Salões*, mencionado com louvor pelos críticos de arte mais eminentes, com três soberbas estátuas: *A Saudade*, *O Vencido*, *Nun'Álvares*, alguns esplêndidos bustos palpitantes de vida, flagrantes de expressão, um grande baixo-relevo, *Teoria fúnebre*, e um sem-número de estatuetas, grupos, estudos, «maquettes», ainda inacabadas, de belos e profundos trabalhos. Mas, a esse tempo, como o pai tivesse morrido,

deixando-os com poucos recursos, João Valério, que se estabelecera em Lisboa, trouxe para a sua companhia a mãe e a irmã, que o adoravam e que ele adorava. E havia três anos que, naquele canto tranquilo da rua do Prior, viviam docemente, ele sonhando, amassando o barro ou lascando a pedra, elas no êxtase admirativo dessa força criadora da Beleza, que lhes exaltava os sentimentos naturais, a atracção do sangue, tornando o amor da mãe e a ternura da irmã numa absorvente e sublime idolatria.

O nome que trouxera de Paris, desde logo o lançou. As encomendas afluíram de todos os lados. Personagens em evidência, mulheres elegantes, banqueiros ricos, todos queriam ter a sua figura fixada no mármore pelo cinzel do novo escultor. A dantesca e assombrosa estátua da *Morte*, que dominava o grande mausoléu dos Duques de Alcântara, um Cristo na cruz, destinado a uma igreja de Lisboa e que Fernando definira «a transcendentalização da Dor», o monumento de Pedr'Álvarès Cabral, encomendado pela colónia portuguesa do Rio de Janeiro, — acabaram de o consagrar.

Mas ele, modesto, recolhido, quase tímido, todo enlevado nas suas visões de arte, longe de explorar a notoriedade para se exhibir no mundo, concentrava-se cada vez mais nesse cantinho da rua do Prior, na casita retirada e simples onde fizera o seu ninho ao vir para Lisboa, tendo apenas por distracção, nos curtos descansos do seu intenso labor, os cuidados desse jardinzito, desses quatro palmos de terra em que as suas mãos, fatigadas de lutar com a dureza dos blocos, se repousavam acariciando a delicada fragilidade das flores.

— Mas mostre-nos a Santa, que os devotos estão impacientes... — dizia Fernando a João Valério, interrompendo as expansões intermináveis dos dois amigos.

— Sim, vamos ver essa doce Santa Iria, *Iria a fidalga*, *Iria a coitada*... — apoiou João Carlos, lembrando o belo romance popular.

Então o escultor, dirigindo-se a um dos cantos do «atelier», velado por um alto pano de linhagem, descerrou-o,

e aos olhos dos três rapazes uma incomparável figura feminina, aérea e quase diáfana, como que modelada em bruma, apareceu de repente num tal esplendor de espiritualidade, de imaterial beleza, que eles ficaram mudos, surpresos, como perante uma aparição divina. De pé, afilada e ligeira, toda em linhas fugitivas, ascensionais, as mãos postas, os cotovelos afastados, a cabeça erguida, os olhos perdidos num enlevo de êxtase, um sorriso de indizível beatitude nos lábios desbotados, donde se percebia a prece a evolir-se como o aroma duma flor que murcha — dir-se-ia que já não era um ser humano e carnal, mas uma alma plasticizada num vapor errante, uma sombra vaga e etérea, uma visão fluida e luminosa de sonho. A longa e alva túnica, presa no ombro por um grosso «cabochon» e orlada por uma guarnição de pedraria, caía em panejamentos flexuosos e como que se diluía no solo, florido de lírios, onde os seus pés mais roçavam do que pousavam. Duas tranças de um loiro pálido, indefinido, com reflexos de âmbar, desciam-lhe longamente pelas espáduas. O rosto, iluminado pela espiritual volúpia do martírio, resplandecia, envolto no fino halo de oiro, na auréola emblemática da bem-aventurança. E de toda essa vaporosa e esbatida figura, desse doce fantasma celeste, uma emanção de pureza filial, de castidade intangível irradiava, como se esse branco corpo de santa se estivesse miraculosamente transmudando numa grande açucena de perfumes místicos, na própria flor simbólica da Virgindade improfanável.

— Belo! Belo!... — murmuravam os rapazes a meia voz, sem desprejar os olhos da imagem, enquanto ao pé o escultor a contemplava também amorosamente e nos puros olhos claros de Luisinha tremiam e brilhavam duas grandes lágrimas de ingénuo enternecimento.

— Então gostam da minha santinha... gostam? Ora digam se não parece mesmo viva, se não parece mesmo que desceu agora do Céu?!

Todos se voltaram, surpreendidos por esta inesperada voz. E viram atrás deles, com os olhos também humede-

cidos, a mãe de João Valério, que, sem ser pressentida, entrara no «atelier». Fernando e João Carlos saudaram-na com carinhoso affecto; João Valério apresentou-lhe Virgílio. E um coro uníssonos de entusiásticos louvores deliciou os ouvidos dessa santa mulher e fez arfar mais fortemente o seu peito, dilatado pela comoção e pelo orgulho materno.

Fernando olhava, encantado, essa alma simples e boa, enlevada na maior das felicidades, tão cheia de íntima e sublime alegria que ela lhe transbordava do coração no sorriso beatífico que lhe aflorava aos lábios, nas doces lágrimas que já lhe inundavam o rosto. Que tesouros de amor — pensava ele — se não ocultavam sob a aparência vulgar dessa mulher originariamente plebeia, quase sem cultura e erguida a pouco e pouco da sua condição primitiva pela melhoria de situação social do marido e pela educação mais elevada dos filhos! No seu amor da sinceridade, estas naturezas ingênuas e cândidas seduziam-no, atraíam-no fortemente. E assim esse ser tão complicado inclinava-se sempre com simpatia e até com respeito em frente delas, por maior que fosse a sua obscuridade, por mais humilde que fosse a sua posição. Por isso, a boa D. Augusta, gorda, já grisalha, com as feições um pouco apagadas, o envelhecimento precoce de grande mulher de trabalho, o curto horizonte do seu espírito, que só com os deveres de esposa e de mãe, os cuidados domésticos e as piedosas obrigações de cristã se preocupava em toda a sua existência — inspirava-lhe um profundo e reverente affecto. E quando comparava essa dura vida laboriosa, honesta e cheia de admiráveis dedicações com a vida de ociosidade, de mentira e de egoísmo de muitas mulheres do seu mundo, sentia bem quão superficiais são as barreiras que separam as classes, e, no meio do seu epicurismo, reconhecia como é vão e mesquinho tudo o que na vida se não firma no inabalável alicerce da grandeza moral.

— Boa D. Augusta — dizia-lhe ele, apertando-lhe nas suas as mãos ásperas e usadas do trabalho — havemos

de ir todos a Santarém ver a Santa passar em triunfo, no dia da procissão.

— Com certeza — afirmava D. Augusta. — Eu já disse ao João que nos havia de levar, a mim e à irmã. Mas, indo com tão bons amigos, maior será a satisfação...

A imagem fora, com efeito, uma encomenda da Irmandade de Santa Iria, a padroeira da velha Santarém. A antiga, deteriorada e sem valor artístico, precisava de ser substituída. E como o enorme sucesso do *Cristo na Cruz* tivesse posto numa larga evidência o nome de João Valério, os de Santarém quiseram ter uma Santa Iria feita pelo grande escultor.

Este aceitara o encargo. Mas cada mesário pretendia intervir na obra, dando o seu conselho, a sua indicação, a sua ideia. Um queria a pobre Santa representada no acto da degola, de joelhos, a cabeça baixa, e atrás o feroz Britaldo de cutelo em punho, vibrando o golpe. Outro contentava-se com que ela levasse entalhada no pescoço a arma simbólica do seu cruel martírio. Este lembrava que se lhe pusesse uma palma na mão. Alguns opinavam que a vestissem de monja; outros de princesa. E não faltou quem alvitrasse que a fizessem apenas de *roca*, cobrindo-a depois com sumptuosas roupagens de veludo e cetins bordados a oiro.

Mas o artista acabou por lhes declarar que ou lhe aceitavam a Santa Iria como ele a concebesse e realizasse, ou declinava a incumbência. Os homens conformaram-se. E João Valério, livre de tão impertinentes críticos, meditou longamente a sua obra, estudou a lenda, esboçou duas ou três «maquettes», e, um dia, numa intuição súbita, achou a forma definitiva, a solução do seu problema artístico.

Que representava essa deliciosa lenda? O triunfo da castidade sobre a concupiscência, do sonho místico sobre a sensualidade carnal. Eis o que ele queria que a sua estátua reflectisse e significasse, não por meios grosseiramente alegóricos ou anedoticamente cénicos, mas tão só pela expressão fisionómica, pela atitude, pela muda e sublime linguagem

que a grande arte sabe fazer falar às formas, às linhas e às cores. E, assim, imaginando a Santa prestes a ser imolada, quis exprimir nela a beatitude do martírio, a divina alegria de quem a um alto ideal de pureza sacrifica sem hesitações a vida, a apoteose da Virgindade invencível, mais forte do que o Amor e do que a própria Morte.

Mas Virgílio já rodava em torno dos barros e dos mármore, que sobre os cavaletes de pinho tosco, entre as espátulas, os cinzeis, os escopros, os compassos, enchiam o «atelier». E a cada instante tinha irreprimíveis exclamações de admiração em frente dum esboço apenas indicado nas suas grandes linhas ou duma figura de mulher que, como um sonho de beleza, ia surgindo do bloco, em que parecia misteriosamente oculta. Aos seus entusiásticos apelos, os outros juntavam-se-lhe. E, peça a peça, barros, gessos, mármore, bronzes — toda a vasta obra do artista foi contemplada, comentada, louvada numa intensa e contagiosa vibração de altas emoções estéticas.

A Santa Iria, porém, atraía-os de novo, chamava-os do seu canto isolado, com a sua graça virgínea e angélica, a sua fluidez de visão irreal. E novamente se agrupavam em torno dela, discutindo-a, evidenciando as suas belezas, acentuando a impressão dominadora e avassalante que produzia em quem a contemplava. E, em meio da animada conversa, a história da Santa, a sua doce lenda, secularmente feita e refeita pelas variantes da tradição, foi citada, contada, discutida.

— O facto do martírio da Santa na defesa da sua virgindade — observava Fernando — nada tem de excepcionalmente interessante nem de original. É um episódio vulgar no agiologio cristão. No conhecido romance, Iria é raptada de noite por um cavaleiro a quem seu pai dera hospitalidade e que, num descampado, recusando-se ela obstinadamente a entregar-se-lhe, a degola, enterrando-a em seguida. Mas na

precipitação com que o faz, os cabelos da morta ficam fora da cova:

*Somente os cabelos, co'a pressa em que estava,
Meus longos cabelos de fora deixava.*

Sete anos depois, o cavaleiro passa por ali e no sítio onde cometera o crime vê alvejar uma linda ermida. A uns pastores, que encontra, pergunta que ermida é aquela. E eles responderam-lhe:

*É de Santa Iria, senhor cavaleiro,
Que ali degolaram naquele penedo.*

E então, confundido, tocado pela santificação da sua vítima, ele tem esse grande grito de remorso e de amor:

*Minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro.*

E a voz da Santa, de dentro da sua ermida, incitando-o ao arrependimento e à conversão, promete perdoar-lhe, se o Céu lhe perdoar:

Se o Céu te perdoa, perdoar-te quero.

Outra variante fez de Iria uma monja a quem um poderoso senhor visigodo cobijava ardentemente. A monja resiste-lhe, e ele, despeitado, furioso, mata-a, segundo uns, ou manda matá-la, segundo outros. Neste ponto, porém, é que a lenda, entrando nos domínios do maravilhoso, atinge a sua máxima beleza. Assassinada, Iria é atirada ao Nabão pelo seu algoz. No sítio onde a lançam, a que ainda se chama o *Pego de Santa Iria*, a rocha que forma o leito do rio fica sempre manchada de sangue. E o corpo da Virgem desce lentamente o Nabão, levado pela corrente, passa ao Zézere, do Zézere entra no Tejo, e pelo Tejo abaixo vem, até que as águas docemente o depõem na margem,

em frente da velha Scalabis. E aí os Anjos recolhem piedosamente o corpo da Mártir, e no fundo do rio constroem um soberbo túmulo de alabastro, onde a encerram.

— Que belo que isso é! — exclamou Virgílio, que desconhecia a versão.

— Dir-se-á, não é verdade? — continuou Fernando — que este sarcófago subfluvial é a digna sepultura duma náíade do Eurotas, duma ondina do Reno, duma moira encantada das nossas lendas populares. Tudo se mistura e confunde no mundo ideal do sonho místico. Mas, em Nabância, o desaparecimento de Iria, que todos supunham fugida com o raptador, lança na desolação seus pais e seu tio Célio, o velho abade beneditino. E eis que certo dia em que este ferventemente orava pela desaparecida, toda a trágica e milagrosa história da sobrinha é-lhe súbita e divinamente revelada. E numa longa romagem, o bom abade, os seus monges, todo o povo da cidade, põem-se em marcha na direcção de Scalabis para se certificarem do prodígio. Uns poucos de dias seguem pelos caminhos poeirentos, pelos desvios ásperos da serra, através da campina monotonamente verde, da charneca adusta e sem sombra, entre os pinhais sussurrantes e as escuras devezas de azinheiras, ou ao longo do grande rio, onde o corpo de Iria se havia sumido. Até que, ao pé da cidade, junto à ribeira que o seu altivo morro domina, essa piedosa teoria pára finalmente. Então, o abade cai de joelhos, todo concentrado no ardor da prece. E, de repente, as águas do rio param, redemoínham, refluem, fendem-se, e, suspensas, imobilizadas, formando como que uma glauca trincheira de cristal, deixam a nu o fundo do Tejo e descobrem a sepultura maravilhosa da Santa, toda de transparente e imaculado alabastro, trabalhado e rendilhado pelos cinzeis dos celestes Artífices. A multidão, tomada de assombro, prostra-se por terra. E o velho Célio, gravemente, encaminha-se entre as águas para o sepulcro de Iria. A tampa é levantada. E, dentro, a Mártir aparece aos olhos de todos resplandecente de uma ideal formosura: o seu longo corpo

dir-se-ia o fino hastil de uma liliácea, e a sua face pálida, exangue, nimhada pelos cabelos loiros, lembrava, na sua infinita pureza, um grande lírio de estames doirados... Querendo levar para Nabância a preciosa relíquia, com espanto verificam que não há forças humanas que arranquem o corpo da Bem-aventurada do seu túmulo sobrenatural. E, assim, reganhando a margem, os peregrinos vêm as águas agitarem-se de novo, fluírem e, lentamente, com um murmúrio suave de prece, juntarem-se, cobrindo outra vez o tesouro divino que lhes fora confiado. Numa enorme fila, os monges, os senhores, o povo de Nabância, voltam para a sua cidade, no deslumbramento e na exaltação do milagre. Iria lá fica dormindo o eterno sono no seu maravilhoso mausoléu, sob as águas mansas do rio, que acolhera o seu despojo. E Scalabis — diz ainda a lenda — passou a chamar-se Santa Irene, de uma variante do nome da Santa, donde, por corrupção, se teria derivado a *Santarém* de toponímia histórica.

Todos ficaram sob a impressão de mística poesia, de religioso encanto que docemente se exalava dessa ingênua história, assim resumida e evocada por Fernando. Nos olhos das duas mulheres, um clarão de fé, de piedade, de sobrenatural emoção, resplandecia. E, em frente delas, talvez sob a sugestão lendária, a imagem de Iria, na alvura das suas vestes, na palidez do seu rosto, no oiro do seu cabelo, parecia diafanizar-se, espectralizar-se ainda mais, como se não fosse senão uma sombra imaterial e divina.

Mas a conversa generalizara-se dentro do domínio da Arte: a propósito da história de Santa Iria, passara a falar-se das nossas tradições, das nossas lendas, tão desaproveitadas por uma literatura inscientemente desnacionalizada. Sobre a expressão artística do nosso passado, citou-se a arquitectura como uma das formas de arte que melhor e mais completamente o testemunham e simbolizam. E caíra-se na admiração exaltada dos nossos grandes monumentos, quando, ao falar-se da Batalha, João Valério perguntou:

— É verdade, Fernando: e a nossa visita à Batalha? Agora que temos cá o João Carlos e que eu estou mais livre, por fim, da doce obsessão da minha Santa, é que era uma excelente ocasião para esse passeio.

Todos aprovaram a lembrança com entusiasmo. E todos ficaram surpreendidos ao saberem uns dos outros que nenhum deles, a despeito da sua comum paixão pelas coisas de arte e pelos monumentos nacionais, conhecia o padrão votivo de Aljubarrota. Sim, nenhum deles: nem o diletante, nem o estatuário, nem o poeta, nem o engenheiro.

— Assim somos!... — observou Fernando. — Corremos o mundo para embasbacarmos ante as mil banalidades cosmopolitas do nosso tempo, que moralmente nada nos interessam, e não damos dois passos para nos impregnarmos bem das fortes emoções e das nobres ideias que a uma alma portuguesa deve sugerir a visão dum monumento como a Batalha.

— Mas penitenciemo-nos — acudiu João Carlos — e vamos lá a essa romagem patriótico-arqueológica. A todo o tempo é tempo de se fazer uma coisa acertada...

E ao separarem-se, depois dum novo êxtase em frente de Santa Iria e duma última vista de olhos a todo o «atelier», marcaram a excursão para o princípio da semana seguinte.

(Capítulo VI — folhas 230 a 248)

UMA VISITA AO MOSTEIRO DA BATALHA

Partiram alegremente, numa bela manhã desse delicioso fim de Abril. Foram direitos às Caldas, onde ficaram dois dias: um para ver Óbidos com as suas belas muralhas e as ruínas do seu Paço acastelado, olhando, melancólico, a vastidão das Várzeas da Rainha e a lagoa, ao fundo, a fulgir sob a luz como uma placa de aço; o outro para visitar S. Martinho e a falésia admirável da Nazaré, avançando num esporão da rocha nua pelo mar inteiramente azul... Depois pararam em Alcobaça, a antiga vila fradesca, cheia de sombras e sussurrante de águas, que o senhoril mosteiro, torpemente profanado, mutilado, devastado, ainda domina com majestade e grandeza. E aí, ante as belas arcarias do claustro de D. Dinis, ante a imponência da imensa nave, violada por vandálicas sobreposições architectónicas, ante a capela mortuária do Justiceiro e da linda Inês, docemente penumbrosa, como uma alcova fúnebre onde os dois amantes dormem o eterno sono nos seus rendilhados leitos de pedra — todos eles tiveram contemplações silenciosas, exclamações admirativas, gritos indignados contra as barbaridades de que tantas e tão preciosas coisas assim haviam sido vítimas. E na outra manhã, logo ao romper do dia, entre as vinhas já semivestidas de parras, as searas verdejantes, os pinhais sombrios, largavam, enfim, para a Batalha, numa velha caleche aberta, ao trote duma parelha magra e ligeira, entre o tilintar alegre das guizalheiras e o estalar do açoite do batedor, um rapagão trigueiro, todo esçanhado, de jaqueta de belbutina e largo chapéu alentejano.

A caleche rodava na estrada macia, descendo suavemente para o vale, quando, numa curva da estrada, Fernando, erguendo-se, exclamou de repente:

— Lá está ela!

E todos se levantaram, na carruagem em marcha, olhando, surpresos, a abrupta aparição do monumento, ador-

mecido lá em baixo, ao fundo do vale, entre uma leve bruma prateada, com o seu lioz alvejante docemente tocado de rosa pela luz da manhã, e recostando, na massa verde-negra dos pinhais, a fina renda dos seus coruchéus, dos seus ligeiros arcosbotantes, dos remates em pirâmide dos seus contrafortes, dos parapeitos vasados e lavrados dos seus cumes e das suas aéreas galerias. E, entre exclamações de entusiasmo, sob uma forte impressão de beleza e uma vibração intensa de orgulho pátrio, os quatro rapazes saudaram, de longe, a mística e heróica Relíquia de pedra.

Depois, ao apearem-se, ficaram longo tempo em face da frontaria e do maravilhoso portal, contemplando-os, admirando-os, comentando-os sob a balaustrada cimeira, toda em folhas de trevo quadrilobado e flores de lis, e, entre os robustos botaréus laterais, rasgava-se a janela, em cujo tímpano a rosácea desabrochava esplendidamente. E logo abaixo, encimado pelo parapeito do balcão, o portal profundava-se na espessura da parede em seis arcos concêntricos, sob cuja elegante ogiva os doze Apóstolos e uma multidão de Santos pareciam sonhar debaixo dos seus baldaquinos arrendados, formando uma corte mística à imagem solene e hierática do Eterno, que, ao fundo, no vão sobre a porta, dominava a entrada, sentado majestosamente no seu trono, como um velho Rei medieval.

Mas, ao transporem o portal, a triple nave, tão bela na simplicidade das suas linhas, na austera nudez das suas paredes, na profundidade das altas abóbadas artesoadas, na majestade forte dos seus grossos pilares formados por enfeixamentos de delgados colunelos, com a sua curta abside de esguias janelas resplandecendo ao fundo — deslumbrou-os. Sobre a pedra alvacentas, estriada horizontalmente pelas linhas brancas das juntas, a luz colorida da rosácea e dos vitrais incidia docemente, numa policromia maravilhosa, como que revestindo-a de transparentes tecidos irisados, duma armação de igreja fiada com raios do espectro solar. E Fernando e os seus amigos ficaram longo tempo mudos, numa

concentração profunda, relanceando em torno lentos olhares, onde uma comovida admiração transluzia. Na mudez do templo deserto, era por esses olhares que as suas almas silenciosamente falavam.

Da banda dos claustros, porém, uns passos arrastados ressoaram. E um velho sacristão apareceu, uma magra e emaciada figura monástica, um pouco curvado, a cara rapada, a boca fina e sorridente e um doce olhar bondoso e humilde. Tilintava-lhe à cinta um molho de grossas chaves. Ao ver os visitantes parados à entrada, dirigiu-se para eles.

— Os senhores hão-de querer ver o monumento? — inquiriu.

— Queremos — respondeu Fernando.

— Pois então, fazem favor: eu acompanho-os — tornou o velho.

E logo os levou para a direita até à entrada da Capela do Fundador, cujo portão de ferro gradeado abriu com uma das chaves que trazia à cinta.

Aí pararam novamente, sob o império duma emoção ainda mais profunda. Era como se tivessem transposto o mais íntimo tabernáculo dum templo, como se as suas almas tivessem atingido a própria alma do edifício.

Ao meio, entre os oito pilares que sustentam a lanterna octogonal, o sarcófago régio erguia-se sobre o dorso de oito leões deitados, macisso e singelo, com as suas faces apenas revestidas pelas longas inscrições tumulares em caracteres góticos e sustentando as rudes imagens do Rei e da Rainha, deitados como num tálamo, as mãos direitas esponsaliciamente enlaçadas para o eterno noivado da morte como o haviam sido para o da vida — ele com a cota orlada de castelos e de quinas, vestida sobre a armadura de batalha, e a mão esquerda no punho da espada apertada ao peito; ela envolvida no longo manto real e um livro de horas entre os dedos afilados da mesma mão. E, em torno, sob os arcos cavados nas paredes, debaixo das altas janelas, fantasiosamente rendilhadas, enfileiravam-se os túmulos dos ínclitos

Infantes com as suas armas, os seus motos heráldicos, a sua simbólica ornamentação de ramagens de carvalho, de azinheira, de silvas, de morangueiros — formando dessa mortuária câmara familiar um panteão de Heroísmos e de Virtudes. A luz coada pelos vitrais multicores aureolava gloriosamente a estância sagrada, onde o forte cavaleiro de Aljubarrota e a delicada rosa de Lancaster dormiam, há quatro séculos, entre a plêiade imortal dos seus grandes filhos.

Virgílio, embevecido, lia mudamente com os olhos esse poema de linhas e formas, escrito na pedra, pálida e amarelada como um velho pergaminho. E, nessa leitura muda, enlevavam-no o ritmo estrutural da construção, a sua harmonia, as suas cadências métricas, as rimas dos seus motivos ornamentais, das suas ogivas, dos seus florões, dos seus capitéis. Em João Valério, à impressão estética juntava-se o interesse architectónico: na pedra, que as suas fortes mãos de obreiro de arte conheciam bem, via os processos de labor, a corrosão paciente dos ferros nas arestas e granulações dos blocos, o saber e a destreza dos velhos artífices, e com intensa curiosidade observava as frustes figuras do Rei e da Rainha, tão ingênuas e tão interessantes, todavia, na sua amorosa atitude. Para João Carlos, além de todas as sugestões de beleza e de arte, essa edificação tinha a linguagem isotérica do seu pensamento architectónico e dos seus múltiplos problemas de construção — a velha linguagem secreta das imemoriais e misteriosas confrarias maçónicas. Mas, em Fernando, a emoção moral, a viva e humana emoção histórica, sobrelevava todas as outras. Empalidecera. Nos seus grandes olhos luminosos e ardentes, um fulgor de entusiasmo brilhava entre um cristalino enublamento de lágrimas reprimidas. Quase que sentia ímpetos de se prostrar em frente desses túmulos, de os beijar com fervorosa devoção. Que grandes vidas, essas de que ali se guardavam os últimos despojos — velhos esqueletos desarticulados e carcomidos, ainda envoltos em farrapos de brocados e veludos,

roídos pelos lepidópteros tumulares e apodrecidos pela humidade. Que sacrário de almas, esse necrotério de ossadas! Que admirável e soberba vegetação humana a dessa gloriosa gente de Avis, donde, do tronco robusto entretecido pelas fibras da Força, do Juízo e da Piedade, haviam bracejado e florido os fecundos ramos da Sabedoria, da Nobreza cavalleiresca, do Heroísmo místico, da Santidade e do Martírio! O frémito de admiração, que a grandeza moral sempre nele excitava, juntou-se a uma intensa emoção de orgulho de raça. E essa maravilhosa Capela fúnebre, cinzelada como um relicário, esmaltada pela luz colorida dos vitrais, pareceu-lhe como que o cofre misterioso e encantado, onde a Alma portuguesa estivesse miraculosamente encerrada!

Mas a curiosidade de ver o resto do monumento arrancou-os a essa longa contemplação. E, subindo lentamente a nave e depois de examinarem a Capela-mor e as capelas laterais, onde, numa, do lado da Epístola, os indignou o vergonhoso túmulo do Príncipe Perfeito — um simples caixão da madeira, pintado de negro, sobre um tosco estrado, também de madeira — passaram, por trás da abside, espécie de charola que separa o corpo da igreja da vasta rotunda das Capelas Imperfeitas. E aí, ao transporem o estranho e magnífico pórtico manuelino, com a sua série de colunas buriladas, as estalactites do seu arco policurvo, as intersecções geométricas das suas nervuras, os seus remates desabrochando em flores — uma unânime exclamação de pasmo lhes saiu dos lábios. Era como se, por um processo de encantação mágica, saltassem cem anos de história, cem anos de vida da nação. A austera igreja simbolizava bem o feito severamente heróico de Aljubarrota. Mas esse pórtico evocava já a aventura deslumbradora do Oriente. À cruz de Avis, que salvara a independência da Pátria naquele mesmo ponto do solo português, unia-se agora a esfera armilar, que fora signo da sua dilatação imperial através do globo. E, como a obra histórica ficara suspensa e inacabada ante os desastres do fim do século XVI, assim a continuação dessa parte do

templo se interrompera para sempre e para sempre haviam ficado imperfeitas as suas sete Capelas, a sua *loggia* Renascença, os poderosíssimos pilares canelados que deviam amparar-lhe a orgulhosa abóbada.

Fernando comunicava aos seus amigos estas impressões, em frases breves e concisas, como rápidas notas em que fixasse o seu fugidio pensamento. Mas, a cada instante, uma discussão animada se travava entre eles, a propósito de uma dessas observações, de uma questão de arquitectura, de um ponto de história. E debatiam a filiação architectónica do edifício, os vestígios de influência do gótico inglês e as prováveis origens franco-orientais dos terraços; renovavam a velha questão das Capelas Imperfeitas: — se sim ou não elas faziam parte da primitiva traça da obra ou teriam sido uma aposição posterior, uma anacrónica excrescência de estilo degenerativo; citavam autoridades, memórias, monografias, a obra de Murphey e os seus projectos de reconstrução; interpretaram o simbolismo místico do plano do templo, as suas linhas esquemáticas em forma de cruz e em forma de chave, os motivos ornamentais dos capitéis, das bandeiras das janelas, das cercaduras das ogivas, dos anteparos dos terraços, das pirâmides dos botaréus.

E, nesta discussão, foram percorrendo e admirando o resto do mosteiro: o Claustro Real, de tão belas galerias, cuja perspectiva se prolonga pela série linear das nervuras ogivais da abóbada e onde, em cada arco, sobre os delicados mainéis, lavrados em espiral, uma renda de pedra cobre os tímpanos com laçarias estranhas, nas quais, entre uma vegetação estilizada de cardos, se recortam a cruz vazada de Cristo ou a esfera manuelina; a Casa do Capítulo, poetizada pela lenda de Afonso Domingues, com a sua arrojada e prodigiosa abóbada abatida, as suas grandes linhas severas, as suas janelas baixas e profundas, abertas sobre a galeria, e as miseráveis sepulturas do Africano e do príncipe D. Afonso, o malgrado filho de D. João II; o lindo chafariz em conchas, resguardado por um rendilhado pavilhão, num dos

ângulos da crasta; o singelo claustro de D. Afonso V, e, depois, em cima, as galerias, os terraços, o elegantíssimo coruchéu da Cegonha, com o seu ar de minarete, a sua fina agulha toda lavrada, as suas janelas, os seus balcões apoiados numa graciosa linha de cachorros e a sua aérea arcada exterior originalmente lançada sobre o dorso dum arcobotante.

Mas, quando voltaram ao Claustro, o velho sacristão perguntou-lhes se não queriam ver o museu. E logo lhes abriu a pesada porta do antigo refeitório fradesco. Era uma longa quadra rectangular, de paredes nuas e abóbada artesoadada. Um montão de velhas pedras carcomidas, pilastras truncadas, capitéis partidos, fragmentos de imagens, enchiam-na de lado a lado. Ao fundo, sobre uma mesa de pedra, os rapazes divisavam um tosco bacinete e uma espada ferugenta. E, imediatamente, Fernando reconheceu-os.

— O elmo e a espada do Mestre de Avis! — disse aos companheiros.

Aproximaram-se. E, no primeiro momento, nem ousavam tocar nas gloriosas relíquias. O capacete, de forma cilíndrica, com uma fenda horizontal na aresta formada pela cobertura e a sua face anterior, e um postigo móvel do lado esquerdo, era uma peça de armaria, lisa e grosseira, de ferro duramente batido. E a espada, de lâmina direita e dois gumes, com a guarda em cruz, não tinha maior valor artístico. Mas essas duas armas, rudes e fortes, pareciam-lhes, a eles, como que as armas encantadas dum herói legendário, dum cavaleiro da Távola Redonda ou do Santo Graal, dum desses paladinos predestinados pelo Céu para os grandes feitos e as épicas empresas da história mítica dos povos.

Dentro desse férreo casquete, havia durante horas, no lance supremo de Aljubarrota, palpitado e vibrado o cérebro do Mestre de Avis. Dessas emoções violentas — os receios da derrota, as esperanças da vitória, os cuidados do comando, os ímpetos heróicos da bravura, os arroubos místicos da fé, a alucinação do sangue, a atracção do perigo, a contínua visão da morte na lâmina da espada, que fuzila sobre a

cabeça, ou na ponta da lança que se enrista contra o peito — de todas estas agitações duma alma, de todas estas vibrações duma vida na confusão duma encarniçada refrega, de tudo isto dir-se-ia que alguma coisa ficara nesse pedaço de ferro como se, por uma espécie de contágio magnético, as inertes moléculas do metal se houvessem impregnado da intensa vibração das células cerebrais. E, se o elmo parecia guardar um pouco da vida emotiva do Mestre de Avis, na espada como que fremia ainda a energia do seu braço heróico, do braço que tão infatigavelmente a manejara...

Já Fernando, porém, tomara o pesado bacinete nas mãos. E, como João Carlos observasse quanta força e vigor não seriam precisos para se lutar braço a braço, durante horas, sob o peso dessas velhas armas defensivas, o sacristão disse para Fernando:

— Ora experimente o senhor. Ponha-o na cabeça. Verá que não é tão pesado como isso...

Fernando hesitou um instante. Parecia-lhe quase uma profanação tocar nessas coisas sagradas, usar delas como de um ouropel carnavalesco. Mas o seu vício de sensações inéditas, a curiosidade da impressão que lhe causaria esse contacto nada banal — tentaram-no.

— Vá! — disse-lhe João Carlos —. Queremos ver-te no *travesti* de Mestre de Avis. Põe lá isso. Supõe-te, um instante, o teu avô de Aljubarrota, o Rui Mendes de Vasconcelos, da Ala dos Namorados.

E, tomando o elmo, enfiou-lho devagar pela cabeça.

— Agora a espada... — continuou, apresentando-lhe a velha lâmina. — Assim... Estás perfeito! Eis-nos em Aljubarrota. Tu és o Mestre... Aqui, estes dois loiros (e apontou Virgílio e João Valério) são os ingleses de Lancaster. Eu represento a rude e brava peonagem portuguesa. Aos castelhões! S. Jorge e avante!

Mas, enquanto os seus amigos riam, em face daquele estranho guerreiro, vestido de flanela azul, Fernando, sentindo em volta da cabeça o férreo envólucro do bacinete e

na mão o punho da espada que vencera em Aljubarrota, vibrava todo de uma singular e profunda emoção. A sua hiperestesia imaginativa excitara-lhe subitamente uma verdadeira alucinação, um rápido delírio visual, como o que sentira em Sub-Ripas, ao ler em Fernão Lopes a trágica morte de Maria Teles. De repente, os muros do vasto refeitório, os destroços architectónicos que o enchiam, os seus amigos, o velho sacristão, desapareceram aos seus olhos. E em frente de si viu uma planura, onde, sob o ardente sol de Agosto, um grande e luzido exército se estendia numa fulguração de arneses, de escudos, de lanças, de piques, de virotes, de balsões heráldicos, de plumões ondulantes de capacetes, enquanto, a seu lado, uma reduzida hoste pobrementemente armada, um troço de besteiros, de peonagem brandindo chuços, de ginetes enristando as lanças, esperava em silêncio.

De súbito, na vanguarda inimiga, um clangor de trombetas estridula metalicamente, os trons ribombam, um alarido de gritos de guerra e de apupos rompe das fileiras castelhanas, as setas e os virotões cortam o ar sibilando, e a cavalaria arranca a galope numa onda de ferro, entre o retinir das armaduras e o tropeçar e resfolegar dos corceis. No embate, as fileiras da vanguarda portuguesa oscilam um instante. Mas já o estandarte místico do Condestável, o grande estandarte branco, esquartelado pela cruz vermelha, com as santas imagens do Cristo crucificado, da Virgem com o menino, e as de S. Jorge e S. Tiago, os piedosos guerreiros — surge flutuando sobre o matagal confuso e agitado das lanças, das fachas, das espadas. E logo o pendão verde de Castela recua, as fileiras dos ginetes baralham-se, as signas da Ala dos Namorados, com os seus motos e símbolos amorosos, misturam-se com as orgulhosas bandeiras dos senhores castelhanos, aragoneses e gascões, os laudeis, as cotas, as braceiras, as solhas, os bacinetes rompem-se sob a violência dos golpes, espadas e lanças voam em astilhas, os corpos juncam os matagais ensanguentados e a derrota do inimigo termina ao crepúsculo, no terror pânico da debandada pela

charneca imensa, entre os clamores de vitória dos portugueses, os gritos dos fugitivos e o estertor dos moribundos. E, a seus pés, os despojos acumulam-se num montão de troféus: armas, bandeiras, o tríptico de prata do Rei de Castela, o seu ceptro de cristal, os imensos caldeirões de cobre do rancho, as tendas sumptuosas, as arcas das bagagens, e, por fim, o despojo opimo, o próprio estandarte real, que, à luz dos archotes, Antão Vasques lhe vem trazer, cantando e bailando de alegria...

Toda esta visão durara segundos. Mas, durante ela, o seu olhar fuzilara através da fenda do bacinete e a sua mão crispara-se nervosamente, apertando o punho da espada. E, quando depôs sobre a mesa as heróicas relíquias, ainda estava tão pálido e vibrava de tal forma, que Virgílio lhe observou, sorrindo:

— Que cara, homem! Até parece que vens de dar o corpo ao manifesto na famosa zaragata...

E ele, sorrindo também, para disfarçar a emoção:

— É que a alma do Mestre encafuu-se-me cá dentro por um instante...

E iam já retirando, quando João Valério, que, de passagem, deitava os olhos para os montões de velha pedra lavrada, que enchiam a sala, teve uma súbita exclamação:

— Que estranha coisa! Que maravilha!

O outros aproximaram-se. E o escultor apontou-lhes o busto truncado duma velha estátua, que jazia a um canto. Era um S. Paulo, de pedra lioz, carcomido e semidesfeito, que haviam retirado do pórtico da Igreja, quando este fora restaurado. O tempo — o sol, a chuva, as humidades, tinham durante cinco longos séculos, trabalhado, remodelado singularmente esse pedaço de calcário. As rudes linhas, as duras arestas da primitiva escultura tinham perdido a sua precisão grosseira, a sua rigidez ingénua e tosca; a longa acção das intempéries, como o lento atrito dum cinzel invisível e maravilhoso, amolecendo a pedra, esbatendo os contornos, cavando as faces, encovando os olhos, amaciando a ondulação da

comprida barba, dera a essa imagem um esbatido de linhas, uma aparência espectral, que talvez a mão dum escultor não fosse capaz de lhe imprimir. Parecia um fantasma de pedra. E os quatro rapazes não se fatigavam de admirar essa obra-prima do Acaso, da inconsciente Natureza, que os fascinava com a sua poderosa expressão de pensamento e de mistério.

— Que maravilha! — repetia João Valério. — Como o tempo deu à pedra este *flou*, este esfumado de traços, esta imprecisão linear, com que ela parece incompatível!

— Belo, sem dúvida — apoiou Fernando. — Mas não admira, porque esse grande artista, o Inconsciente, tem às vezes dessas obras de génio. E assim como refez este terrível S. Paulo, traça também numa ágata, num veio de calcário, uma figura humana, uma árvore, um rio, um perfil de montanha, uma paisagem. Mas o que é pena é que isto fique por aí ignorado, esquecido, como um pedregulho sem valor, de que amanhã as Obras Públicas farão, desdenhosamente, uma pouca de alvenaria para um muro ou um pouco de cascalho para uma estrada. Quase que dá vontade de o roubar... Com que infinito prazer, com que emoção eu veria todos os dias, a um canto do meu escritório, este verídico espectro do grande definidor do Cristianismo!

E, lentamente, com a melancolia de quem vê findar uma hora inolvidável, extinguir-se um alto fogo do espírito, deixaram o refeitório, atravessaram outra vez o Claustro, desceram a Igreja, olhando-a ainda demoradamente, e pararam de novo diante do pórtico numa derradeira e concentrada contemplação.

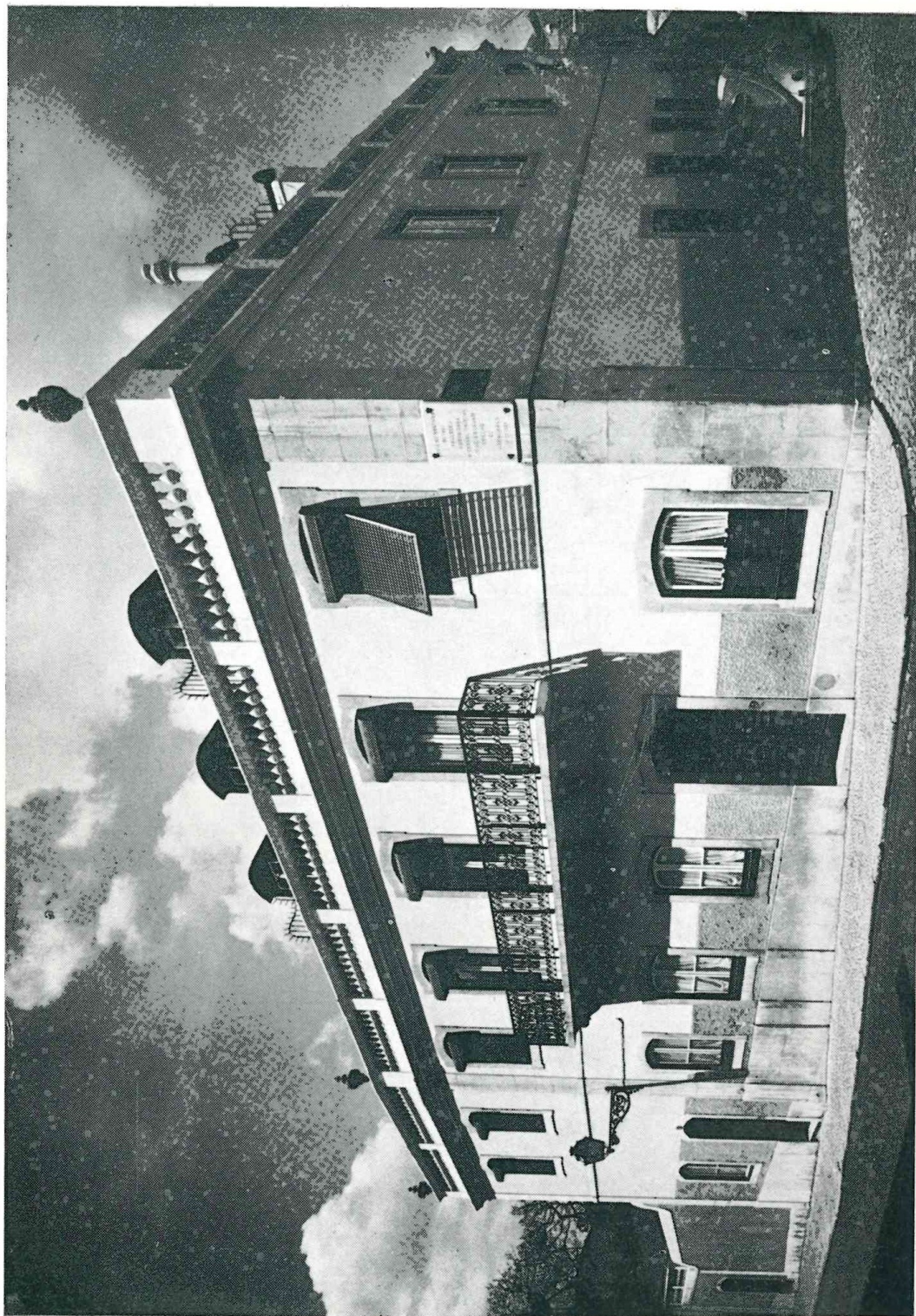
Horas depois, tomada uma frugal e magra refeição numa das pobres hospedarias da terra, continuavam a sua viagem pela estrada de Leiria, aonde os levava o desejo de ver o histórico e venerando alcácer do Rei Lavrador. Sob o verde tenro dos choupos recém-rebentados, entre os campos, onde os primeiros milhos começavam a verdejar, a caleche rodava de novo na fita branca da estrada. Respirando a

viração da Primavera, embalsamada pelas emanções resinosas dos pinhais, excitados pela forte e tonificante oxigenação do grande ar, os quatro amigos rememoravam vivamente as impressões desse dia, evocavam a imagem rendilhada do Mosteiro votivo, das suas linhas gerais, dos seus preciosos detalhes, reatavam as discussões históricas e arqueológicas, que ele lhes suscitara, evocavam as emoções que haviam experimentado ante a Capela do Fundador, a Rotunda manuelina, o Claustro Real, o legendário Capítulo, e as venerandas, as heróicas relíquias guerreiras do Mestre de Avis.

E, durante horas, as suas almas vibraram sob a acção de um complexo sentimento, feito de saudade melancólica e de vaga esperança, de tristeza e de orgulho, de admiração por um passado glorioso, de tédio ante um presente de envilecida decadência, de dúvida, ao mesmo tempo expectante e ansiosa, em face de um futuro incerto. E, dos seus lábios, na confusão desordenada da conversa, erguia-se como que um hino de amor e de entusiasmo pela Pátria e pela sua história épica, pela linda terra portuguesa e pela alma, poética e heróica, sonhadora e activa, do povo que a habita.

Já a tarde caía e ainda a conversa continuava. Mas, súbito, emudeceram. Leiria aparecia a distância. E, dominando-a, solitária na sua colina, o velho castelo de D. Dinis surgiu aos seus olhos, como uma aparição simbólica, nitidamente recortado no azul pálido do Céu, triste em meio do seu abandono, altivo ainda entre as suas nobres ruínas...

(Capítulo VI — folhas 248 a 266)



Casa da Rua do Século, em Lisboa, onde nasceu Luís de Magalhães e faleceu seu pai,
o grande tribuno José Estêvão.



Escritório e sala de visitas de Luís de Magalhães na sua Casa da Quinta do Mosteiro
(Moreira da Maia)

A PROCISSÃO DE SANTA IRIA

Passava da uma hora da tarde quando o comboio entrou ruidosamente na estação de Santarém.

Da longa fila de vagões, saltou, alegre, tumultuosa, sussurrante, uma multidão endomingada. E foi pela gare um acotovelamento confuso de homens, mulheres e crianças, escoando-se numa torrente pela porta de saída. Sob os chapéus largos, as carapuças de lã, os claros lenços de algodão, faces trigueiras, tismadas do sol da lezíria, sorriam mostrando os dentes brancos. As sombrias jalecas de briche alternavam com os casabeques de chita sarapintada. E, aos ombros, sobre os alforjes de listas berrantes, erguiam-se os varapaus ferrados ou passavam em bandoleira as violas e as guitarras.

Fernando, João Carlos, João Valério, a mãe, a irmã, desceram também duma primeira classe. E, entre essa massa compacta e agitada, atravessaram o cais, saíram para o largo fronteiro ao edifício da gare, onde outros grupos se espalhavam já. De uma linha de velhas carriolas, os cocheiros gesticulavam, oferecendo-se. Fernando acenou a um deles. E uma vitória desengonçada avançou ao trote rápido das pilecas, fustigadas por dois estalos de azorrague. Empilham-se lá dentro e alegremente bateram para a cidade, estrada acima, sob a abóbada fresca das árvores e entre a poeira levantada pelos trens que os precediam.

O dia estava quente, sem viração. Um sol festivo tamisava-se entre a folhagem verde-clara das robínias. Ao alto, o azul impoluto, sem nuvem, arqueava-se em triunfo num esplendor de apoteose.

Santarém celebrava, nesse dia, a sua padroeira. Pela primeira vez, a nova imagem, a Santa Iria de João Valério, ia subir processionalmente da Ribeira, percorrer as estreitas ruas do velho burgo, passar às Portas do Sol e voltar à sua ermida, levantada à borda do Tejo, no ponto em que

a lenda sopunha que o seu cadáver fora milagrosamente trazido pelas águas do rio. De toda a parte, pela linha férrea, pelas estradas, a pé, de carro, a cavalo, numa vasta romagem, o povo dos arredores acudia à cidade para essa festa imemorial, a que, nesse ano, o aparecimento do novo ícone, tão falado e discutido, dava, com o poderoso estímulo da curiosidade, um maior e mais vivo interesse.

Quando, galgados os últimos lacetes da estrada, a tipóia começou a rodar sobre o calcetamento das ruas tortuosas, onde já, aqui e ali, uma colgadura de damasco pendia das sacadas, ondulando pesadamente, o escultor e os seus amigos observavam de passagem essa turba humana, que se apinhava ao longo das casas, se debruçava nas janelas e de todas as esquinas desembocava, procurando o caminho que a procissão devia seguir. E João Valério, pensando que a sua obra entrava por alguma coisa nessa espontânea concentração de tantos milhares de indivíduos, sentiu, ante esse contacto de um público, em meio do qual ele passava desconhecido, uma singular impressão de orgulho e timidez: orgulho, por se sentir, em parte, a determinante dessa vasta confluência de massas humanas; timidez, pela incerteza da impressão que, nelas, produziria essa imagem a que ele, na sua idealidade, buscara, todavia, transmitir um poder de emoção que atingisse as almas mais simples e ingênuas.

À porta duma casa antiga, perto de S. João de Alporão, a vitória parou. Morava ali um dos mesários da Irmandade de Santa Iria, que havia oferecido as duas janelas ao escultor para ele e os seus verem, de lá, a procissão.

Como ainda fosse cedo, resolveram, porém, dar uma volta, ver as igrejas mais próximas, visitar a torre das Cabaças. E, como se demorassem e o trânsito, nalguns pontos, fosse difícil, quase se encontraram, ao reentrar, com a procissão, que já corria as ruas da cidade.

Apressadamente, instalaram-se na sua janela, de cuja velha grade de ferro forjado duas grandes colchas vermelhas pendiam sobre a rua. Já na frente, a pouca distância,

um piquete de artilharia a cavalo, seguido de polícia, ia abrindo um sulco entre a mó de gente compacta, separando-se em duas alas. Sobre esse redemoinhar sussurrante de cabeças, um primeiro pendão branco ondulou entre as opas azuis duma Irmandade, as sobrepelizes dos padres, os lumes dos círios, ardendo sem brilho na claridade do dia. Depois, lampejou a prata duma cruz, erguida ao alto; depois, surgiu outro estandarte vermelho com uma imagem de santo entre duas novas linhas de opas, vermelhas também. E uma teoria de anjos seguia ao centro, emplumados, frisados, vestidos de cetim, resplandecentes de lantejoulas, com asas de arminho, avançando gravemente ao compasso de uma marcha que se ouvia a distância.

Tudo isso passava já com lentidão solene sob as janelas, atulhadas de gente, quando um primeiro andor, um S. Sebastião banal, amarrado a um tronco e crivado de setas, apareceu na curva da rua. E logo, novas cruces, novos pendões, novas opas, novos anjos, novas caras de eclesiásticos, barbeados de fresco, seguiram, escoltando o Mártir.

Mas nem essa primeira imagem nem as subseqüentes interessavam, nesse dia, a multidão. Com um mal contido frémito de impaciência, todos esperavam a nova imagem da Padroeira. E em cima, na janela, onde o escultor e os seus companheiros se debruçavam, essa expectativa era quase ansiosa. A boa D. Augusta não tirava os olhos do fundo da rua, onde a imagem devia aparecer. E toda a graciosa figura de Luisinha tremia e vibrava sob a emoção estranha e confusa de uma deliciosa angústia.

De súbito, porém, dentre essa multidão silenciosa, um murmúrio, contido a custo, se ergueu. Um grande estandarte, com a figura da Padroeira, aproximou-se tocando quase as janelas. E, ao fundo, na rua estreita e sombria, obscurecida pelo negro da multidão e o tom escuro dos damascos, uma luminosa aparição ostentou-se como por encanto. Era a Santa Iria que avançava, enfim, ao passo lento dos doze homens que sustentavam sobre os ombros o pesado andor,

tão diáfana, tão etérea nos seus tons claros e esbatidos que mais parecia a visão irreal duma alucinação mística, que repentinamente dominasse toda essa turba, do que uma coisa plástica, material, uma escultura religiosa, talhada num grosso toro de mogno pelas mãos dum maravilhoso imaginário. O murmúrio admirativo cresceu, subiu no ar, encheu toda a rua. Era como um sussurro de prece num enlevo de êxtase. E, na janela, o grupo amigo sentiu-se envolto nessa onda de emoção, nessa vibrante corrente de encanto que emanava de todas aquelas almas absorvidas na contemplação da piedosa imagem.

Fernando sentiu que as duas mulheres soluçavam com o lenço apertado contra a boca. Carinhosamente, tocou no ombro de D. Augusta:

— Então?... que é isso?... — disse-lhe, também comovido.

— Que quer?! — respondeu a pobre criatura, com a face inundada de pranto. — Tenho-lhe tanto amor como se ela fosse realmente uma pessoa viva, como se fosse alguém que nascesse do meu sangue... Que do meu sangue é ela, não é verdade? Pois quem a fez, quem a criou, quem lhe deu toda aquela beleza, toda aquela doçura, toda aquela vida, senão o meu filho? Ah! as noites e noites que eu passei a seu lado, costurando, enquanto ele a fazia e refazia, amassando o barro ou desbastando a madeira! Com os meus olhos a vi nascer e criar-se, como se vê nascer e criar um neto. Durante meses, todos lá em casa viviam só para ela. Por isso — sabe? — quando a vi sair do «atelier», no seu caixão, foi como se me levassem morta uma pessoa querida, que fosse a carne da minha carne e o sangue do meu sangue...

E, soluçando, toda em lágrimas, num ardente enlevo de amor materno, D. Augusta olhava a imagem, que justamente parara um momento debaixo da janela, em todo o esplendor da sua imaterial beleza. Parecia que o seu sorriso de transcendente beatitude o dirigia a Santa a esses olhos que a adoravam, nublados de pranto...

Luisinha, muito pálida, também chorava. A seu lado, João Carlos, silencioso, buscava dominar-se, vencer a comoção estranha que o agitava. Sentia, nos suspiros que faziam vibrar esse pequenino e gracioso corpo, a palpitação da sua alma docemente amorosa. Essa meiga ternura de irmã, essa ingênua adoração da obra fraterna, revelavam-lhe, naquele humilde e modesto coração, uma pureza, uma doçura, uma energia afectiva, uma fina e alta sensibilidade, que o enlevavam. Conhecia-a quase desde a infância: ainda tinham brincado juntos. A sua presença sorridente e cariciosa fora-lhe sempre deliciosamente grata. Mas nunca, a seu lado, o coração lhe estremecera no mais ligeiro rebate de amor. Agora, porém, era como outro ser que ele adivinhava nesse ser, uma alma apaixonada de mulher surgindo da alma serenamente cândida da criança. E essa alma mostrara-se-lhe tão bela, tão virginalmente intacta, tão cristalinamente imaculada, através daquele olhar lacrimoso, daquela face banhada de êxtase, que João Carlos cerrou repentinamente os olhos numa perturbação súbita, como quem os sente feridos pela refulgência ofuscante dum tesouro inesperado... Então, ao abri-los, como o seu olhar incidisse sobre a imagem, que de novo começava a mover-se, uma surpresa enorme o tomou. Parecia-lhe que via, em baixo, sobre o andor, a mesma face extasiada, o mesmo sorriso doloridamente feliz, que, havia segundos, contemplara a seu lado. E, num relance, compreendeu tudo. Luisinha fora o modelo de Santa Iria. Toda essa ideal expressão de castidade, de virgínea pureza que o artista soubera imprimir na imagem, encontrara-a ele na face de sua própria irmã. Assim, aquela Santa, perante a qual todos se prostravam, murmurando preces, ia ali animada e viva, porque dentro dela misteriosamente palpitava a alma de Luisinha. E era essa alma, por fim, essa alma desconhecida e humilde, inconsciente de si própria, que toda essa multidão admirava e adorava.

João Carlos sentiu como que uma vertigem. Ao apoiar-se ao parapeito da janela, a sua mão tocou, por acaso, a mão

de Luisinha. O coração bateu-lhe com intensa energia. Uma sensação inexprimível de estonteante voluptuosidade, de perturbada surpresa, de angustioso receio, de imponderável ascensão de todo o seu ser para qualquer coisa de muito alto, de muito puro, de muito belo e transcendente, germinou no fundo da sua alma, expandiu-se no curto espaço dum instante, empolgou-lhe o espírito e a vontade, subjugando-o, dominando-o todo. Era, no fundo da sua alma, a divina eclosão dum grande e irresistível amor.

Mas, da rua, haviam reparado nesse grupo de desconhecidos, tão visivelmente perturbados por uma profunda emoção. Alguém, que conhecia o escultor, indicara-o aos que mais próximos estavam. De boca em boca, voou o seu nome. Todos os olhares o procuravam, se fixavam nele com simpatia e admiração, sorrindo-lhe, saudando-o mudamente. Fernando, que estava à sua esquerda, passou-lhe o braço em volta da cinta, numa afectuosa carícia.

— Um verdadeiro triunfo, meu caro! — disse-lhe. — Aí tem você a suprema consagração da popularidade. E como a Santa sai bem na meia penumbra destas ruas estreitas e sombrias! Maravilhoso!...

O escultor sorriu-lhe, mais pálido ainda, confuso e trémulo. Do outro lado, a mãe, soluçando, chorando sempre, procurou-lhe a mão, apertou-a na sua longa, estreita e silenciosamente.

Já a imagem tinha passado. Só se viam agora as pregas do seu manto claro, as suas tranças cor de âmbar, o fino halo de oiro que a coroaava. Todos a seguem com a vista, presos dessa imaterial figura que se distanciava e desaparecia, envolta numa nuvem de pétalas de rosas, lançadas duma janela. Passou a longa fila da sua Irmandade, passaram os anjos que lhe faziam um cortejo de inocência, passaram os penitentes, passaram os últimos estandartes e as últimas cruces; passou o pálio, o grande pálio de brocado de oiro, sob que a custódia resplandecia nas mãos trêmulas de um velho padre; passou o grupo das autoridades, algumas

fardas civis, uniformes militares e as casacas da edilidade, cortadas transversalmente pela faixa azul; passaram, enfim, a banda do regimento e a guarda de honra, num lampejar de metais, numa pompa teatral de penachos, de listas, de divisas, de avivamentos vermelhos.

Mas Fernando lembrou-se de que, cortando rapidamente por certas ruas, se podia atingir as Portas do Sol antes que a procissão, que seguia um itinerário mais longo, lá chegasse. Valia a pena ir vê-la dar ali a volta tradicional às muralhas centenárias e contemplar a Santa, passando em triunfo sobranceira ao rio, à vasta campina, a toda essa admirável região a que a sua lenda dera um toque de mística poesia.

Foram, pois; e, quando desembocaram no vasto recinto, já uma grande multidão o enchia. Com dificuldade atingiram um recanto da barbacã, a plataforma duma velha atalaia em ruínas, donde a vista abrangia, ao mesmo tempo, a esplanada da antiga fortaleza e o imenso panorama do vale do Tejo, que soberbamente se desdobrava aos seus pés.

Enquanto a procissão não aparecia além, nas curvas da nova avenida, eles olhavam de alto a imponente paisagem do campo ribatejano. Logo em baixo, no sopé do morro altivo, talhado a pique, erigido de piteiras, repousava, aninhada na sua ravina, a pequena povoação do Alfange. De lá, pelo declive da encosta, o olivedo triste subia até à alta plataforma, onde a cidade assentava, franjando o horizonte com os ciprestes do cemitério dos Capuchos, os telhados da sua casaria irregular, as moles espessas e maciças das igrejas, o perfil dos campanários, entre os quais destacava o vulto sombrio e dominador da torre das Cabaças. Depois, azulava-se para o norte a corcova gigantesca do Montejunto, ondulavam colinas, rasgavam-se vales, branquejavam povoações e casais, e tudo ia morrer ao fundo na pincelada cor de lilás, com que a serra de Minde se esbatia no azul do céu.

Mas agora, deixando as eminências da margem direita, era o Tejo que eles viam vir de longe, grandioso e sereno, desenhando essa majestosa curva em que se aproxima da

cidade. Entre as suas águas calmas e refulgentes, como se fossem de prata fluida, os mouchões já se mostravam a descoberto e os areais emergiam em grandes manchas cremes. E nas duas margens, os choupos, os freixos, os salgueiros, em plena vegetação, formavam-lhe duas alas magníficas, como a um soberano que passasse em triunfo. A ponte estendia sobre a água e as coroas de areia a sua delicada tira de filigrana de ferro. As faluas, atracadas em baixo, à Ribeira, as jangadas levadas devagar pela corrente, pareciam, vistas de cima, bandos de aves aquáticas repousando à flor da água, estranhos sáurios boiando preguiçosamente. Em frente, a vista perdia-se na imensa campina, cortada de renques de álamos, de longas linhas pontuadas de oliveiras, de nobres grupos de pinheiros mansos, abrindo as imensas copas em umbela, e onde, num embutido irregular, mas nítido, o verde dos trigos já espigados alternavam com a sépia das terras apenas recém-semeadas de milho. Ao fundo da extensa avenida verdejante, que a liga ao Tejo, Almeirim alvejava entre as suas vinhas. Outras povoações, Alpiarça e a Chamusca para a esquerda, Alorna, Benfica, Salvaterra para a direita, e outras, e outras ainda, mais distantes, sorriam de longe, alegres e felizes, na abundância e na paz dessa velha terra planturosa.

Tudo era calmo, suave, luminoso nessa doce tarde de primavera: nem uma nuvem no céu, nem uma leve bruma esfumando o horizonte. O rio parecia imóvel, parado como um lago, tão vagarosamente deslizava entre as verduras marginais. Não corria a mais leve aragem, não oscilava um ramo de árvore, não tremia uma folha. Toda a campina, em roda, dir-se-ia que, como os homens, descansava das lides da semana no repouso dominical e assistia, na gala das suas verduras, à festa da mística padroeira dessa região.

Mas, na avenida, a multidão compacta agitava-se, ondulava um instante, Os estandartes, as opas, as sobrepelizes, as asas de arminho, reapareceram já perto da entrada que dá acesso ao recinto cercado pelas velhas muralhas. Lenta-

mente, a extensa fila penetrou na esplanada. As irmandades desfilaram num mosaico movediço de cores vivas; os andores surgiram oscilando aos ombros dos devotos; numa cadência solene e grave, os metais da banda marcial clangoraram estridentemente na serenidade da tarde. Dominando toda essa massa de gente, inclinada à sua passagem, a Santa Iria assomou, enfim, no esplendor de sua etérea formosura. Serena e clara, avançava para as muralhas, as mãos erguidas, as tranças soltas, os olhos no céu. O sol, numa intensa projecção oblíqua, envolvia-a num grande nimbo de oiro, fazia-a resplandecer toda, como se ela apenas fosse de uma matéria imponderável e fluorescente. Assim a levaram até à beira do muro, pondo-a face a face com a campina infinita, com toda essa terra a que dera o seu nome, e impregnara do encanto da sua deliciosa lenda. Dir-se-ia que, vendo-a lá no alto, numa transfiguração de apoteose, tudo em torno se quedara, adorando-a num êxtase mudo: as lezírias, os olivedos, os choupos das margens, as povoações distantes, os gados vagabundos, cujos chocalhos longínquos se ouviam vagamente soar, as águas do rio piedoso que ali a trouxera, a sua Ribeira, aglomerada, lá em baixo, em torno do templo que lhe deram para morada...

Da velha atalaia, João Valério e os seus companheiros olhavam-na, cada vez mais enternecidos. O escultor como que sentiu então, revelada subitamente, toda a grandeza, toda a sublimidade da sua obra. Vista ali, naquele esplêndido quadro, por essa incomparável tarde de Maio, essa criação do seu génio afigurava-se-lhe um ser vivo e animado. Quase que acreditou que as suas mãos tivessem, sem ele o saber, o dom divino de imprimir à matéria inerte, além do poder soberano da beleza, a fremente e misteriosa palpitação da vida. Numa alta voluptuosidade do espírito, sentiu-se tomado dessa vertigem estonteante de orgulho, que inebria todos os criadores triunfantes.

Ao ver aproximar-se a imagem, João Carlos fitou de novo Luisinha, na obsessão de verificar a semelhança que, entre a estátua e a mulher, havia pouco descobrira. E outra vez essa semelhança se acentuou irrecusavelmente a seus olhos, aumentando a sua confusão, pondo em maior alvoroço a sua alma agitada pelas vibrações duma grande paixão.

A Fernando não passou despercebido esse olhar de amoroso êxtase. Já havia reparado que, durante toda a tarde, o seu amigo se aproximava, sempre que podia, da gentil rapariga. Mas, nesse momento, absorvido também na contemplação da Santa, não deu ao caso maior importância. Ela, só ela o dominava. Vendo-a ali, no alto, em face dessa vasta paisagem, virada para o rio, ao longo do qual o seu doce cadáver deslizara brandamente na viagem milagrosa, Fernando afigurou-se-lhe vê-la sorrir a toda essa natureza familiar, às águas que a haviam vestido do sudário fluido das suas espumas, à margem acolhedora que recebera o seu despojo, aos salgueiros que na sua passagem se curvavam sussurrando num rumor de oração, ao horizonte longínquo donde viera e para além do qual ficavam a velha Nabância, e o pego em que o seu sangue deixara o testemunho miraculoso do martírio, e o Nabão e o Zêzere, cujas correntes a haviam trazido até às águas augustas do Tejo. Parada um instante no suave esplendor da tarde serena, dominando em volta toda a região maravilhosa, dir-se-ia que ela lhe lançava tutelarmente a bênção muda do seu puro e bem-aventurado olhar.

Foi sob esta impressão que a viram retomar a sua marcha, dar volta à linha desmantelada das muralhas, dirigir-se novamente para a cidade entre o séquito das confrarias, o palpitar dos estandartes, o flamejar dos círios, a estridência metálica dum hino de triunfo.

Horas depois, num comboio da noite, rodavam para Lisboa, na depressão de todo um dia de movimento e de fortes emoções. D. Augusta, cheia de sono, cabeceava a um canto. O escultor e Fernando conversavam arrastadamente

ao outro. João Carlos e Luísa, sentados face a face, só a espaços trocavam algumas breves e banais palavras. Mas, na penumbra do compartimento mal alumado, Fernando notou de novo os rápidos e perturbados olhares que ambos, repetidamente, trocavam. E, penetrando o segredo dessas duas almas, sorria-lhes com afectuosa simpatia.

Em Santa Apolónia, separaram-se. Enquanto os seus companheiros tomavam um americano, Fernando chamava um trem de praça e mandava bater para Santa Catarina.

(Capítulo VII — folhas 267 a 285)

biblioteca
municipal
barcelo



11823

Páginas inéditas dum romance
incompleto de Luis de